

121



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 12

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

O Guerreiro do Arco-Iris (Meribérica) (B) – R\$ 10,00 * **Mário e Isabel** (Forja) (R) – R\$ 10,00 * **O Guarda Ricardo** (Bertrand) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Titã** (Fomento) (P) 23 – R\$ 3,00 * **Tintin** (15º ano) (P) 21 – R\$ 10,00 * **Comix** (Devir) (MB) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ * **Baseball Comics** (Kitchen Sink) (MB) 2 – R\$ 5,00 * **Demolidor** (Ebal) (R) 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 26, 27, 29, 30, 31 – R\$ 10,00 c/ * **Biografias em Quadrinhos** (Ebal) (B) 3 – R\$ 5,00 * **Justiceiros** (Ebal) (R) 21 – R\$ 5,00 * **Leão Marinho – A Guerra de Kentróia** (Ebal) (R) – R\$ 5,00 * **Almanaque Bip-Bip** (Três) (R) 2 – R\$ 5,00 * **Akira** (Globo) (B) 36 – R\$ 10,00 * **Mônica – Uma Aventura no Tempo** (Panini) (B) – R\$ 5,00 * **Guerreiros da Tempestade** (ND) (B) 6, 7, 9 – R\$ 5,00 c/ * **Angus** (On Line) (B) 3 – R\$ 5,00 * **Conan** (Mythos) (B) 42 – R\$ 5,00 * **Ronin Soul** (B) 2 – R\$ 5,00 * **Grande Klan** (MB) 1 – R\$ 5,00 * **Wolverine** (Panini) (MB) 49 – R\$ 5,00 * **Batman e Robin Grandes Astros** (Panini) (MB) 4 – R\$ 5,00 * **Guerra Civil** (Panini) (MB) 4 – R\$ 5,00 * **X-Men Extra** (Panini) (MB) 84 – R\$ 5,00 * **X-Men** (Panini) (MB) 84 – R\$ 5,00 * **Liga da Justiça** (Panini – sem chaveiro) (MB) 70 – R\$ 5,00 * **Batman** (Panini – sem chaveiro) (MB) 70 – R\$ 5,00 * **Superman** (Panini – sem chaveiro) (MB) 70 – R\$ 5,00 * **Marvel 1602 encadernado** (Panini) (MB) – R\$ 20,00 * **Revista Vozes – O Mundo dos Super-Heróis** (B) – R\$ 20,00 * **Cidadania para Principiantes** (Ática) (B) – R\$ 20,00 * **Graúna e Rê Bordosa** (Terras do Sonhar) (B) – R\$ 10,00 * **Um Dia Uma Morte** (Graffiti) (MB) – R\$ 20,00 * **Disney Especialíssimo** (Morumbi) (MB) 25 – R\$ 10,00 * **Bibs – O Outro Livro** (B) – R\$ 10,00 * **Giddap Joe Super** (Noblet) (R) 2, 6 – R\$ 10,00 c/ * **Giddap Joe** (Noblet) (R) 2, 4 – R\$ 5,00 c/ * **Mister No** (Noblet – 84 p.) (R) 6 – R\$ 5,00 * **Akim** (Noblet) (P) 24, 53, 149, 164, 171 – R\$ 4,00 c/ * **Príncipe Valente** (Sampa) (R) – R\$ 4,00 * **Sobre Heróis e Tumbas** (MB) – R\$ 15,00 * **Atual Arte** (MB) 1 – R\$ 3,00 * **Intervalo** – jornal cultural (MB) 31 – R\$ 2,00 * **Jornal da Taturana** (B) 34, 35, 49/50, 50/51, 53/54, 55, 56, 59 – R\$ 2,00 c/ * **Tempo Livre** (B) 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 15, 20, 22 – R\$ 2,00 c/ * **Jornalzinho do Gabi** (B) 25, 35, 38 – R\$ 2,00 * **Estúdio Mania** (B) 7 – R\$ 2,00 * **Strips** (B) – R\$ 2,00 * **Serginho Bacana** (B) – R\$ 2,00 * **Humor Já** (B) – R\$ 2,00 * **Recado** (B) 120, 125, 381, 396, 397 – R\$ 2,00 c/ * **Gibi da Aids** (B) – R\$ 4,00 * **Sonnium** (MB) 87, 88 – R\$ 3,00 c/ * **Repórter HQ** (R) 5, 6, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42 – R\$ 2,00 c/ * **Franca Zona** (B) – R\$ 2,00 * **Novas HQs Nacionais** (R) 1 – R\$ 2,00 * **Lixo Moral** (R) 7 – R\$ 2,00 * **Absurdo** (B) 8, 9, 10 – R\$ 2,00 c/.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 121 MAIO/JUNHO DE 2013

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos nºs 119 a 124
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém os encartes ‘cotidiano alterado’ 10 e 11

EDITORIAL

Este número, como prometido, não veio com as 4 páginas a mais do número anterior. Veio com 8 páginas a mais na forma do suplemento ‘Reflexões sobre Imagem e Cultura’, de autoria de Gazy Andraus, seguindo a trilha do suplemento que saiu no nº 119.

No mais, na parte de texto, a maioria das colunas mais ou menos regulares está presente. Worney comparece com um artigo extra, além da coluna ‘Mantendo Contato’. E completando, republico uma resenha de Márcio Sno e uma mensagem de Bernardo Aurélio, enviada a seus correspondentes.

Nas HQs, as participações de Dennis e Primaggio, colaborações enviadas por Paulo Miguel dos Anjos. Na 4ª capa, tentarei manter fixo o Poeta Vital, começando com os cartuns que já foram produzidos e publicados em vários locais.

Na capa, 3 tiras de uma série que, se tivesse nome, se chamaria ‘Trigêmeos/Trigênios’, feita em 1987 para um fanzine que, se tivesse sido publicado, se chamaria ‘Curumim’. Os três personagens crianças emulam três personagens famosos dos quadrinhos, Cebolinha, Mafalda e Charlie Brown. As 24 tiras produzidas foram publicadas no livro ‘Tira Teima’ da editora Marca de Fantasia em 1995.

Boa leitura!

HERÓIS BRASILEIROS

SEPÉ TIARAJU

Edgard Guimarães

Segundo o verbete de Eduardo Cimó em “Fã-Zine” 18 (“Heróis Nacionais”):

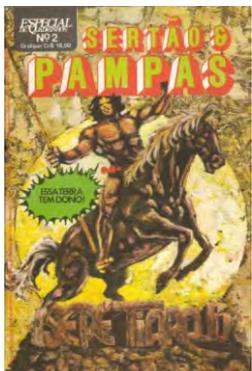
“Sepé Tiaraju é uma criação de Flavio Colin no ano de 1961 para a Cooperativa Editora de Trabalhos de Porto Alegre. Baseado em personagem real, esse herói índio guerreiro do sul, da região das Missões, terra de um povo sofrido e miserável, aparece de cem em cem anos. Sepé Tiaraju foi lançado na revista “Especial em Quadrinhos”, de número 2, com texto de Luiz Rettamozo.”

A história de Sepé Tiaraju é envolta em muita lenda e é difícil discernir o que é fato e o que foi inventado em cima de sua figura carismática. Sepé participou do final de um episódio histórico conhecido por vários nomes, a República Guarani, as Guerras Guaraníticas ou Os Sete Povos das Missões.

Desde final do século XVI, os jesuítas espanhóis realizavam seu trabalho de catequese nas regiões onde hoje são o sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina. Toda esta região, pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha. O trabalho dos jesuítas tinha função espiritual, mas também era uma forma de garantir a posse da região pela coroa espanhola. Também era objetivo dos jesuítas proteger os índios catequizados dos escravagistas espanhóis e portugueses. Assim, criaram as Missões, um sistema social organizado, comunitário, centrado na agricultura e pecuária, com o poder secular nas mãos dos próprios índios, e com capacidade defensiva. As primeiras missões viáveis foram criadas a partir de 1607, sendo muitas delas criadas na região onde atualmente é o Rio Grande do Sul. Os chamados Sete Povos das Missões foram criados a partir de 1682 na margem direita do Rio Uruguai. Até 1640, com Portugal sob domínio da coroa espanhola, não havia maiores problemas em delimitar o que era terra espanhola ou portuguesa. A partir daí, com portugueses cada vez mais se estabelecendo onde devia ser, pelo Tratado de Tordesilhas, terra espanhola, criou-se um problema que só foi encontrar solução com o Tratado de Madri, em 1750. Solução sob o ponto de vista de Portugal e Espanha. Por esse tratado, as regiões onde atualmente estão Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná passavam ao governo português e, portanto, todas as missões espanholas deviam ser transferidas para o outro lado do Rio Uruguai, onde o domínio era espanhol. Para os índios guaranis, que viviam nas missões há quase um século, a terra em que viviam era deles mesmos, não de Portugal ou Espanha. Foram feitas muitas tentativas de negociação, porém o resultado é que os governos português e espanhol se uniram para expulsar os guaranis de suas terras, o que resultou em revolta e guerra, com a aniquilação das missões, de seu povo e sua sociedade. Os sobreviventes das missões se dispersaram e suas ruínas ainda são encontradas em terras gaúchas. Sepé Tiaraju morreu em combate em 1756, próximo ao final da guerra.

A história das missões e dos povos guaranis é bastante complexa, bem como a história do próprio Sepé Tiaraju. Aqui serão tratadas as Histórias em Quadrinhos que tentaram retratar historicamente o personagem e as que criaram personagens de ficção baseados no personagem real.

Em agosto de 1962, a Cooperativa Editora de Trabalhos de Porto Alegre – CETPA lançou, entre várias outras edições, o primeiro (e único) número da revista “Sepé”. Com argumento de Clima e desenhos de Flavio Colin, a revista trazia uma HQ de 24



páginas mostrando um entrevero entre os guaranis liderados por Sepé e uma pequena esquadra espanhola, cuja missão era justamente informar os índios de que deviam abandonar aquelas terras. A história começa sem muita explicação e se concentra mais na ação, não se preocupa em situar o leitor em relação às circunstâncias históricas do episódio. Talvez, se tivesse havido outros números, o tema histórico tivesse sido mais explorado. De qualquer forma, parece que a intenção não era fazer uma HQ histórica, mas uma história de aventura centrada num personagem histórico. Os mesmos autores também produziram uma série de tiras para jornais, que durou até pelo menos meados de 1963, com mais de uma centena de tiras. Infelizmente, desse trabalho, conheço apenas uma tira publicada por Jorge Barwinkel em seu fanzine “O Grupo Juvenil”.

No final da década de 1960, foi publicada pela editora Formar uma coleção de livros chamada “Estórias e Lendas do Brasil”, com 5 volumes. As histórias eram supostamente contadas pelo palhaço Arrelia, mas os textos eram de Gonçalves Ribeiro com belíssimas ilustrações coloridas de Lanzellotti. No volume “Contos do Sul”, nove páginas são dedicadas à história de Sepé Tiaraju, dando uma visão bastante boa do que foi este episódio histórico.

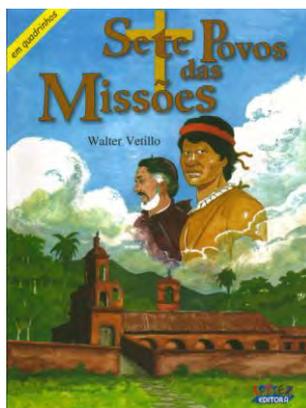
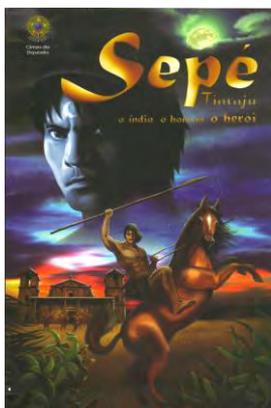
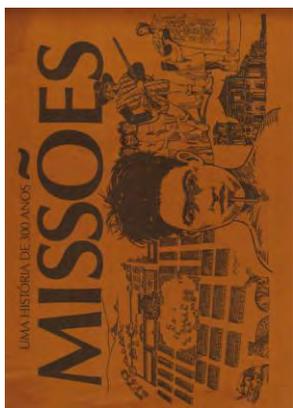
Do ponto de vista artístico, o melhor trabalho utilizando a figura de Sepé Tiaraju foi publicado no nº 2 da revista “Especial de Quadrinhos”, da editora Graficar, em 1978 ou 1979. A edição trouxe uma HQ de 30 páginas desenhada por Flavio Colin, dessa vez com o roteiro de Luiz Rettamozo. Neste trabalho, o foco foi dado na mística de Sepé, um guerreiro iluminado que faz aparições de tempos em tempos. A grande ideia usada nesta história foi a contraposição entre o tempo de Sepé e os dias atuais, com a situação miserável em que vivem os descendentes guaranis das antigas missões. Infelizmente, a série não teve continuidade e ficaram apenas estas 30 páginas antológicas como um vislumbre do que poderia ser uma obra-prima da HQB.

Do ponto de vista histórico, o melhor trabalho é o álbum “Sepé Tiaraju – História das Ruínas de São Miguel”, publicado em 1988 pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul e pelo Instituto Estadual do Livro. O álbum é uma adaptação para os quadrinhos do romance histórico de Alcy Cheuiche, ilustrado por José Melgar, veterano quadrinhista gaúcho. Para o romance original, Cheuiche fez uma vasta pesquisa histórica buscando as raízes dos acontecimentos nas histórias de Portugal, Espanha e da Companhia de Jesus. A adaptação também é muito boa, apesar de alguns vícios do quadrinhista. Melgar tem um desenho detalhado e competente, mas a todo momento saltam aos olhos figuras copiadas de outras obras. Desde personagens do inevitável Hal Foster, passando por Hugo Pratt, o Hor el Temerário de Juan Zanotto até a participação especial de Jardel Filho. Além disso, uma mania irritante de colocar balões e legendas em posições invertidas dentro dos quadros. Mas nada disso tira o valor da obra que faz uma invejável reconstituição da História das Missões.

Sem se ater a Sepé Tiaraju e sem ser propriamente uma HQ, a revista “Missões – Uma História de 300 Anos” faz uma breve, porém rica, reconstituição ilustrada da história das Missões. Com texto final de Carlos Urbim e desenhos de Sérgio Batsow, a edição foi publicada pelo Ministério da Cultura e Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Em 2010, a Câmara dos Deputados de Brasília publica o álbum em quadrinhos “Sepé Tiaraju – O Índio, o Homem, o Herói”. Este álbum foi lançado com algum estardalhaço, sempre salientando o nome de algum deputado ou político envolvido e quase nunca mencionando os autores, Luiz Gatto e Plínio Quartim. O roteiro mistura informações históricas com os aspectos lendários de Sepé e usa o mesmo recurso de mostrar a vida atual dos índios guaranis, mas sem a mestria de Rettamozo. O desenho é bem estilizado, com alguma influência do mangá, e aquele colorido forte e moderno do qual não se escapa. Confesso que me obriguei a ler este álbum para poder fazer algum comentário neste texto.

Por fim, em 2012, a editora Cortez publicou o álbum “Sete Povos das Missões”, adaptação de Walter Vetillo com desenhos de seu irmão Eduardo Vetillo. Com desenhos limpos e um colorido mais agradável, este álbum, assim como o da Câmara, visa a um público mais juvenil. A história é bem simplificada, principalmente se comparada à adaptação do romance de Alcy Cheuiche.



Não há consenso entre os dados apresentados pelas várias adaptações mencionadas, o que decorre da falta de registros históricos da época, principalmente em relação à história de Sepé. Quanto à história das Missões, estas são melhor documentadas, tanto pelos jesuítas quanto pelos governos português e espanhol.

O estabelecimento das Missões, organizadas e dirigidas pelos jesuítas, teve repercussão mundial em sua própria época. Segundo consta, Voltaire teria escrito: “A experiência cristã das Missões Guaranis representa um verdadeiro triunfo da humanidade.” Com o resgate da história da região, em 1938, a Missão de São Miguel, a mais importante das sete Missões, foi reconhecida como Patrimônio Nacional Brasileiro. E em 1983, o reconhecimento como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade se deu por parte da Unesco.

Quanto a Sepé Tiaraju, continua sendo um tema rico para utilização em Histórias em Quadrinhos, se não na produção de novas histórias, pelo menos no resgate, em álbum, das tiras produzidas por Clima e Colin para os jornais gaúchos.

“FAR-WEST” DA EDITORA GRAÚNA

Worney Almeida de Souza

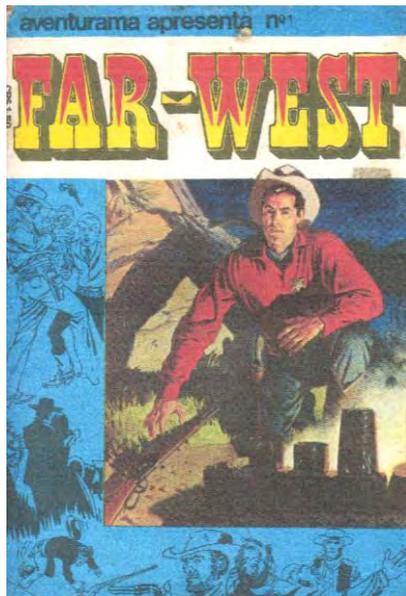
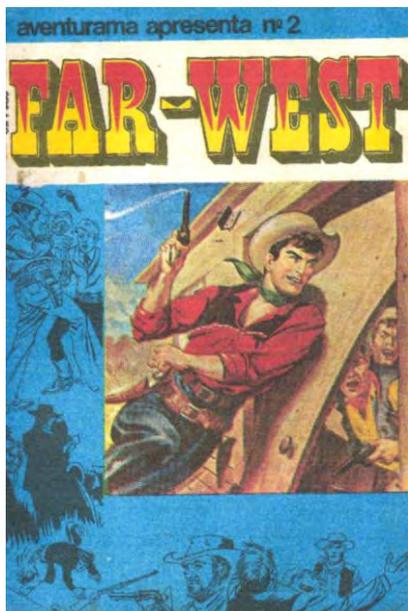
No final dos anos 1960, as pequenas editoras paulistas tiveram seu melhor momento. Produzindo revistas em quadrinhos em preto e branco, geralmente com 30 mil exemplares, em tamanho padrão 17x26cm, com 36 páginas, as editoras lançavam dezenas de revistas que vendiam muito bem. Os temas eram os mais variados: terror, humor, aventura, super-heróis, ficção científica, guerra, infantil e até faroeste! Naqueles tempos, os heróis do velho oeste não estava muito bem cotados e os títulos rareavam.

A Graúna era uma dessas editoras. Com redação, administração e oficinas próprias na Rua Vergueiro, 47, a empresa era administrada por Anna Dalva Alves de Souza e tinha como editor Reinaldo de Oliveira. Mestre do Quadrinho Nacional, ele era jornalista, redator, editor e um dos responsáveis pela primeira Exposição de Quadrinhos do Mundo, realizada em São Paulo, em 1951.

A editora publicou títulos importantes. Destaque para os super-heróis nacionais: “Golden Guitar”, “Mistyko” e “Homem Fera”. Também lançava “Piadas para Todos”, “Humor”, “Humor Moderno”, “Rir Moderno”, “Histórias em Quadrinhos” (com HQs de aventura), “Edição Extra de Guerra”, “Ecos do Castelo Mal Assombrado” e “Mestres do Terror”, com material americano e nacional.

Os heróis americanos da Marvel Comics também tinham vez: “Hartan, o Selvagem” (na verdade Conan com outro nome) e “A Enfermeira da Noite” (com histórias de amor). Publicava também um título geral chamado “Aventurama”, que lançava em números alternados: “Alma Penada”, “Terror”, “Charlie Chan”, “Hércules, Aventuras do Homem-Deus” (da Charlton Comics), “Besouro Negro” (também da Charlton, criado por Steve Ditko) e “Almanaque Dr. Satan”.

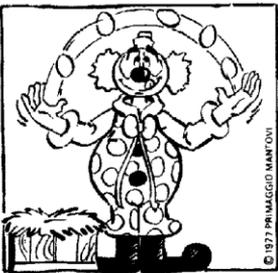
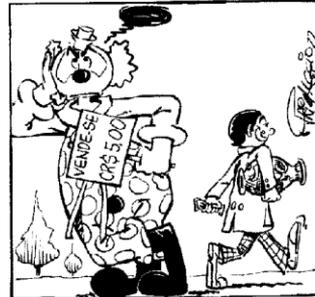
Ao longo de cerca de dois anos de publicação, a Graúna marcou época com os super-heróis nacionais, criando um estilo “jovem guarda” de quadrinhos, o lançamento no Brasil dos personagens Hércules e Besouro Negro e uma curiosa forma de reaproveitamento de HQs antigas de terror: Reinaldo orientava o desenhista Paulo Hamasaki a copiar, em papel manteiga, as páginas de revistas dos anos 1950 (de autores americanos) e usava o material como fotolito para imprimir as revistas. Ou seja, não pagava direitos autorais para as distribuidoras do material importado e ainda economizava material gráfico. O resultado não ficava bom, mas conseguia encher muitas revistas!



De todos os gêneros publicados pela editora Graúna, o que menos teve sucesso foi o faroeste. Um dos subtítulos da revista “Aventurama” foi “Far-West”. Foram lançados dois números, ao preço de Cr\$ 1,50 cada. As capas eram similares: com uma ilustração no centro da capa e uma tarja, em azul, com ilustrações reaproveitadas de HQs. O primeiro número trazia a aventura ‘A Cidade dos Covardes’ com o personagem Joe Merrill, um médico da pequena Codabebac, em Utah, que defende os integrantes de uma caravana, que está contaminada pelo tifo, e não recebe acolhida dos habitantes da cidade. Já no segundo número, temos ‘Luta por uma Cidade’, onde o personagem Lars Olsen tem que lutar contra a prepotência de Weicoss Clean, agente de uma empresa de transporte que quer assegurar os direitos de passagem por uma região de mineradores. As duas HQs têm uma boa trama, a curiosidade é que os enquadramentos das páginas são todos irregulares, com quadrinhos de tamanhos e formas diferentes, parecendo uma grande colcha de retalhos. Como se nota uma grande quantidade de retoques nos desenhos, os originais devem ter sido produzidos para revistas menores, em formatinho, e por isso foram adaptados para o formato comics (17x26cm).

Não saíram mais exemplares da “Far-West” e ficou mais uma tentativa de revisar o gênero, que naquele momento editorial não rendia boas vendas.





Tiras de Primaggio enviadas a Paulo Miguel dos Anjos, que as cedeu ao "QI".

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

SMILINGÜIDO

Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

O personagem Smilingüido e sua turma já tem pelo menos uns 30 anos de existência. De proposta claramente evangelizadora, de pregação da palavra de Deus, também claramente, na minha percepção, sempre se apresentou mais como uma marca comercial do que como um personagem de quadrinhos ou livros infantis. Tanto que, lá em meados da década de 1980, tomei conhecimento do personagem na forma de cartões de boas festas e aniversário, de marcadores de livros e outros produtos como agendas ou cadernos, e não na forma de livros ou revistas de quadrinhos. Uma consulta, hoje, no site da Editora Luz e Vida, mostra que há um bom número de publicações com os personagens, principalmente livros infantis, mas predominam os produtos utilizando os personagens.

Há alguns anos, a editora conseguiu manter uma revista de quadrinhos nas bancas, em formatinho, colorida, por mais de setenta números. Mesmo assim, no meu entender, a tônica do personagem nunca foi a produção de quadrinhos.

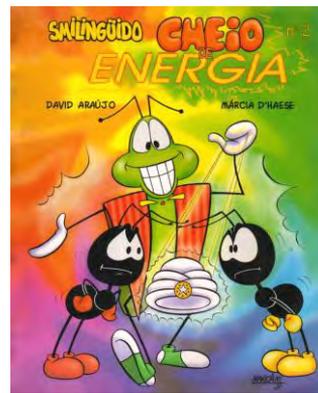
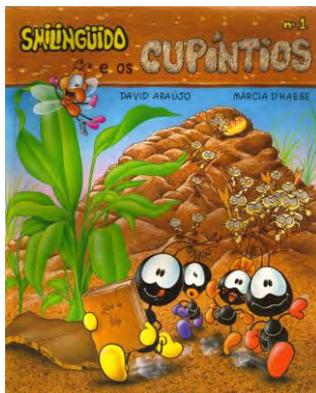
No entanto, no início da década de 1990, os criadores David Araújo e Márcia D’Haese fizeram uma tentativa de produzir álbuns de quadrinhos com a turma do Smilingüido. No melhor estilo dos álbuns de Asterix, Lucky Luke, Iznogud, presentes, ainda que de forma irregular, nas bancas brasileiras desde final da década de 1960, início de 1970. O mesmo formato, a mesma apresentação editorial com uma página de rosto, uma ilustração colorida na 4ª capa com os títulos da coleção e os desenhos monocromáticos nas 2ª e 3ª capas. Apenas um número menor de páginas em relação ao padrão europeu.

Em 1993, saiu o primeiro álbum da coleção, intitulado “Smilingüido & os Cupíntios”, texto de David Araújo e Márcia D’Haese e desenhos de Márcia e Gilberto Yamamoto. Uma produção bem cuidada, colorido atraente, desenhos simples, porém eficientes, com criatividade nos enquadramentos, totalizando 30 páginas de HQs, produção nacional de boa qualidade. Na história, Smilingüido e seus amigos se consideram responsáveis pelo suposto sumiço do “Livro da Vida” e se acham na obrigação de conseguir outro exemplar do livro, cuja produção está a cargo dos Cupíntios. Há as peripécias da viagem, a prisão ao chegar na terra dos Cupíntios, que adotam a escravidão, a conversão da rainha dos Cupíntios aos ensinamentos do Livro da Vida, que eles produziam, mas não liam, até o final feliz. A história tem lances interessantes, embora, no geral, seja um pouco fraca. O objetivo é passar a mensagem da importância dos ideais evangélicos, mas o resultado acaba sendo didático demais. Pelo indicado no expediente, o álbum teve pelo menos 3 edições com um total de 20.000 exemplares.

O segundo volume da coleção, “Smilingüido Cheio de Energia” saiu em 1996, nos mesmos moldes, dessa vez com desenhos de Sandra Carvalho. O tema do segundo álbum é a atração que as pessoas (no caso, formigas) têm pelo esoterismo, pelas simpatias, cristais, fitas energizadas, pirâmides, amuletos e coisas do tipo. O formigueiro todo entra na onda, comprando todo tipo de badalque que traga sorte ou felicidade. No fim, com oração e fê, todos acabam reconhecendo que o Criador é tudo de que precisavam. Não deixa de ser irônico que a história faça uma crítica contundente ao consumismo, no caso o consumo de produtos místicos não relacionados ao Evangelho, mas a Equipe ARVICRIS, criadora dos personagens, incentive o consumo desenfreado dos produtos da marca Smilingüido. Se é para conhecer o Criador, pode.

Apesar dos argumentos tendenciosos e das histórias frouxas, estes dois álbuns, do ponto de vista da produção de quadrinhos nacionais, são um exemplo admirável. Pelo que sei, saíram apenas estes dois álbuns. Certamente a não continuidade não se deveu à baixa vendagem, pelo que se deduz das tiragens do 1º volume. Acontece é que a produção de um álbum de HQ é algo muito trabalhoso. É muito mais rentável produzir ilustrações para cartões, camisetas, bolsas, capas de cadernos etc.

O primeiro álbum faz referência à edição “Smilingüido e as Sauvitas”, de 1981, como a 1ª história publicada em livro, mas, como não tenho esse volume, não sei dizer se é uma obra de história em quadrinhos.



MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

A expressão “Edição Extra” é suficiente para tirar o sossego do colecionador. As editoras, por mais profissionais que aparentem ser, usam e abusam desse termo para lançarem o que lhes dá na telha sem muita preocupação com numeração, cronologia, título ou o que quer que possa servir de referência para os aficionados tentarem completar suas coleções.

Às vezes, a “edição extra” aparece dentro da sequência normal de um título, apenas com mais páginas, um jeito da editora tomar mais um pouco do dinheiro do cara que está comprando a revista regularmente. Parece que também é um jeito da editora aproveitar um título que já está registrado e lançar coisas que não caberiam dentro do título. Neste caso, basta colocar o material que quiser no miolo e na capa e lá no expediente informar em letras minúsculas “edição extra de...”.

Embora não tenha lógica esperar que “edições extras” possam formar uma coleção, a Ebal fez justamente isso. Uma coleção de “edições extras”, sem numeração, mas com lançamento mensal.

A coisa começou de forma irregular em 1975, lembrando que a Ebal (como outras editoras) dava nomes gerais para as revistas, além dos nomes que apareciam no topo da edição. A velha história de ter alguns nomes registrados e usá-los para qualquer coisa. Na Ebal, os títulos comuns eram “Invictus”, “A Maior”, “Pequenina”, “O Juvenil Mensal”, “Aí, Mocinho!” etc.

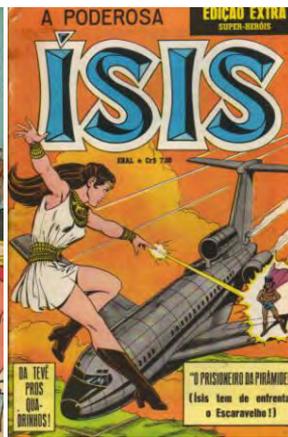
Assim, em 1975, a Ebal lançou em formato álbum, sem especificação do mês: duas edições extras de “Cinemin”, com “Gabriela, Cravo e Canela” e “A Moreninha”, e uma de “Edição Maravilhosa” com “Senhora”. As três, republicações de histórias saídas em coleções anteriores da Ebal. Em junho, a Ebal lançou mais três edições em seu formato normal (próximo do formato americano): edição extra de “Roy Rogers” com “Trigger”, edição extra de “Batman” com “Coringa” e edição extra de “Superman” com “Aquaman”. Em outubro, saiu, em formato normal, a edição extra de “Superman” com “Mundo Maravilhoso de Krypton”. Ainda em outubro, saiu a primeira edição extra em formato pequeno, a edição extra de “Batman” com “Coringa, Duas-Caras e Espantalho!”.

Durante o ano de 1976, saíram apenas duas edições extras, uma de “Super-Heróis” com “Shazam!” em formato pequeno, em fevereiro, e uma de “Cinemin” com “A Escrava Isaura” em formato álbum, sem especificação do mês.

Em 1977, mais uma edição extra de “Cinemin” com “Dona Xepa”, o

mesmo formato álbum sem especificação do mês. Em novembro, a Ebal começou uma série de edições extras em formato pequeno com periodicidade mensal. A primeira foi a edição extra de “Super-Heróis” com “A Poderosa Ísis”. Em dezembro saiu a edição extra de “Invictus” com “O Retalho”.

A seguir a relação de todas as edições extras lançadas entre 1978 e 1982, com periodicidade mensal, a grande maioria em formato pequeno.



1978 – *janeiro*: “Minha Revistinha” com “Os Três Mosqueteiros e Robin Hood”; – *fevereiro*: “Zorro” com “Tonto”; – *março*: “Quadrinhos” com “O Sombra”; – *abril*: “Pequenina” com “Catástrofes”; – *maio*: “Superman” com “Super-Heróis Lutam contra Supergorilas”; – *junho*: “Lançamento” com “Caçadores de Estrelas”; – *julho*: “O Juvenil Mensal” com “Perigo: Dinossauros à Solta!”; – *agosto*: “Mindinho” com “Vivaldo & Vivaldino”; – *setembro*: “A Maior” com “O Desafiador e O Vingador”; – *outubro*: “Super-Heróis” com “A Poderosa Ísis”; – *novembro*: “Invictus” com “O Retalho”; – *dezembro*: “Cinemin” com “OVNI’s Discos Voadores”. Certa vez, vi a “informação” de que houve uma edição extra de “Mindinho” com “Vivaldo & Vivaldino” em março, mas quem “informou” deve ter visto 8 (agosto) e pensou que era 3 (março).

1979 – *janeiro*: “Minha Revistinha” com “Os Três Mosqueteiros e Robin Hood”; – *fevereiro*: “Zorro” com “Tonto”; – *março*: “Klik” com “Aragonés”; – *abril*: “Pequenina” com “As Origens Secretas Supervilões”; – *maio*: “Superman” com “Flash e Supermoça e mais: Elektron”; – *junho*: “O Juvenil Mensal” com “Os Desafiadores do Desconhecido no Triângulo das Bermudas!”; – *julho*: “A Maior” com “As Origens Secretas Supervilões”; – *agosto*: “Super-Heróis” com “A Poderosa Ísis”; – *setembro*: “Invictus” com “A Terra na Rota Fatal!”; – *outubro*: “Batman” com “A Última História de Batman”; – *novembro*: “Quadrinhos” com “Lanterna Verde e Gavião Negro e mais: Elektron”; – *dezembro*: “Cinemin” com “Aquaman e Capitão Cometa, astro convidado: Elektron”. A edição extra com “Aragonés” foi no formato magazine, não tenho notícia de que tenha havido uma edição em formato pequeno em março. Em abril, houve uma edição extra de “Cinemin” com “Coronel Delmiro Gouveia”. Em 1979, também houve três edições extras em formato álbum, sem especificação do mês: duas de “Cinemin” com “Dona Beija” e “Cabocla” e uma de “Edição Maravilhosa” com “A Bagaceira”.

1980 – *janeiro*: “Zorro” com “Tonto”; – *fevereiro*: “Aí, Mocinho!” com “Bonanza”; – *março*: “Pequenina” com “Kobra”; – *abril*: “Misterinho” com “Histórias de Assombração”; – *maio*: “Minha Revistinha” com “Os Desafiadores do Desconhecido”; – *junho*: “Estréia” com “Ficção Científica”; – *julho*: “O Herói” com “4 Histórias de Guerra”; – *agosto*: “Batman” com “Histórias de Crime”; – *setembro*: “Superman” com “Supermoça”; – *outubro*: “Quadrinhos” com “Robin Hood”; – *novembro*: “Zorro” com “Tonto”; – *dezembro*: “O Juvenil Mensal” com “Turok”.

1981 – *janeiro*: “Cinemin” com “Patrulha da Lei”; – *fevereiro*: “Superior” com “Edição de Natal Super Star”; – *março*: “A Melhor” com “O Desafiador”; – *abril*: “Aí, Mocinho!” com “Bonanza”; – *maio*: “Superman” com “Superman”; – *junho*: “Superboy” com “A Poderosa”; – *julho*: “Misterinho” com “Demon”; – *agosto*: “Batman” com “A Legenda de Batman”; – *setembro*: “Estréia” com “Mulher-Gato”; – *outubro*: “Pequenina” com “Batmoça”; – *novembro*: “Fantomas” com “Este Horror... Foi Você?”; – *dezembro*: “Minha Revistinha” com “A Trinca de Ases”.

1982 – *janeiro*: “Kung Fu” com “Richard Dragon”; – *fevereiro*: “Demolidor” com “Justiceiros das Sombras” (esta edição ficou “famosa” pois tinha o nome do Demolidor, seu retrato no canto superior direito da capa, mas não trouxe nenhuma história sua; as HQs internas foram com O Sombra e O Desafiador, este certamente a causa do equívoco do editor); – *março*: “Dimensão K” com “Flash” e “O Capitão Z” com “Turok” (o mês de março teve duas edições extras); – *abril*: “A Melhor” com “Comando Viking”; – *maio*: “Quadrinhos” com “O Monstro do Pântano”; – *junho*: “Superman” com “Mulher-Maravilha”; – *julho*: “Misterinho” com “Histórias da Casa Mal-Assombrada”; – *agosto*: “Estréia” com “Histórias de Guerra”; – *novembro*: “Superboy” com “Superboy”. Não tenho notícias de que tenham saído edições em formato pequeno nos meses de setembro e outubro, nem posteriores a dezembro de 1982. Aparentemente a edição extra de Superboy foi a última. No entanto, em 1982, sem especificação do mês, saiu a edição extra de “Batman” com “Batman versus O Incrível Hulk”, em formato magazine, que poderia fazer parte da coleção, em um dos meses vagos, setembro ou outubro.

A Ebal lançou ainda em 1986, sem especificação do mês, em formato álbum, a edição extra de “Edição Maravilhosa” com “Sinha Moça”.



HUMOR E QUADRINHOS POÉTICOS



ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS

Edgar Franco

N. 7. 32p. 14x20cm. R\$8,00.

Quadrinhos poético-filosóficos com o universo particular do autor.

MARIA MAGAZINE

Henrique Magalhães

N. 4. 36p. 14x20cm. R\$8,00.

Tiras humorísticas do autor mais Tônio e Edgard Guimarães.



editora@marcadefantasia.com

www.marcadefantasia.com

MEMÓRIA DO FANZINE BRASILEIRO

Márcio Sno

Resenha publicada no blog de Márcio e no site www.marcadefantasia.com

Não é mais nenhuma novidade falar que existem pouquíssimas publicações sobre zines no Brasil, certo? Então, cada lançamento que aparece é sempre muito comemorado pelo fanzinato nacional e por pesquisadores do assunto.

Esse material coletado e organizado pela referência Edgard Guimarães trata-se de depoimentos de editores de zines de diversas épocas (desde quem publicou nos anos 60 até os que ainda publicam). Como a proposta inicial era essa publicação sair na coleção “Histórias em Quadrinhos no Brasil”, da Opera Graphica, de Worney Souza (porém, não vingou), os editores participantes são ligados à HQ.

Cada um desses editores conta a sua relação com os zines, quando começaram, o que lançaram, as dificuldades, curiosidades, entre outros pontos, que, de sua forma, ajudam a contar a história da publicação independente no Brasil, mesmo porque Edgard teve o cuidado de selecionar editores dos mais variados pontos do país, traçando assim um panorama e a evolução das publicações no passar das décadas (desde a impressão em mimeógrafo, passando pela revolução das máquinas de xérox, até as impressões a laser).

Ao todo, são 23 editores de enorme peso dentro do universo independente e das HQs. O curioso é que praticamente 100% dos participantes tem as publicações como algo paralelo, eles sobrevivem das profissões mais distintas, como engenheiros, professores, psicanalistas, farmacêuticos etc.

São eles: Márcio Costa, Oscar Kern, Luiz Antônio Sampaio, Alvimar Pires dos Anjos, Emir Ribeiro, Diamantino da Silva, José Magnago, Roberto Guedes, Valdir Dâmaso, Marcelo Marat, Paulo Ricardo, Joacy Jamys, Wallace Vianna, Cláudio S. Dilli, Denilson Reis, José Valcir, Edson Rontani, Aimar Aguiar, Claudio Rubin, Gutemberg Cruz, Henrique Magalhães, Gonçalo Silva Júnior e Flávio Calazans.

Esse é um importantíssimo lançamento, que é fundamental para quem quer conhecer e entender o que é se publicar nesse país.



III UGRA ZINE FEST

Edgard Guimarães

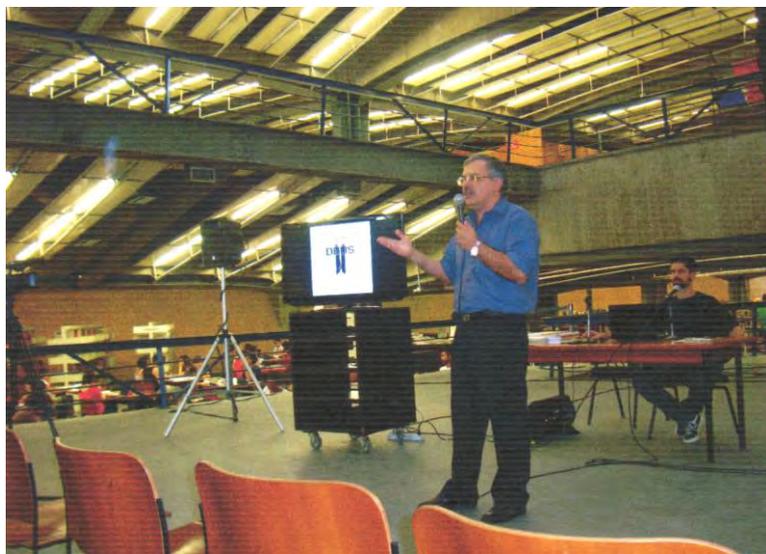
Aconteceu nos dias 6 e 7 de abril, no Centro Cultural São Paulo, a terceira edição do evento Ugra Zine Fest. Infelizmente só pude comparecer no dia 6, sábado, perdendo, portanto, as atrações de domingo. Mas um dia já foi suficiente para perceber a importância do evento e ter uma vaga noção do trabalho que tiveram Douglas e Daniela, os organizadores.

A atividade do sábado começou às 10h, mas era uma oficina com vagas limitadas, apenas para os inscritos. Cheguei ao Centro Cultural por volta das 11h, e já estavam chegando vários dos autores e editores que reservaram lugar na feira de venda e troca de publicações independentes. Além de Douglas e Daniela, com as publicações da Ugra, já estavam lá Marcatti e Worney. Também já estavam presentes os participantes das atividades do dia, Fernanda Meireles, Márcio Sno, Henrique Magalhães e Anita Prado. As conversas e trocas de informações já começaram aí.

Aproveitei o tempo antes da primeira atividade para visitar as exposições de fanzines, uma vasta coleção de edições brasileiras e internacionais, com destaque para os trabalhos de Law Tissant e do coletivo português Chili com Carne. Enquanto via as edições expostas, encontrei e pude conhecer pessoalmente Angelo Davanço, editor do fanzine “A Falecida”, cujo nº 13 foi recentemente lançado. Pudemos trocar muita informação sobre fanzines e cultura de modo geral.

Às 12h começou a palestra de Fernanda Meireles sobre a criação de uma Fanzinoteca. Com muita experiência sobre o assunto, tendo ela mesmo criado uma fanzinoteca em Fortaleza e visitado várias pelo mundo, esbanjou talento no visual projetado no telão, com uma apresentação criativa e instigante.

Fomos, Henrique Magalhães e eu, ver se era possível almoçar num dos bares em frente ao Centro Cultural. Foi. E em mesa previamente reservada por José Nogueira que já estava instalado. Logo chegou Angelo Davanço e pudemos fazer, por contra própria, um debate particular. Tão interessante que atrasamos para a pré-estreia do 3º capítulo do documentário



“Fanzineiros do Século Passado”, de Márcio Sno. A qualidade do trabalho de Sno já era conhecida de quem viu os dois primeiros capítulos. Muito conteúdo, montagem ágil e, de quebra, o privilégio de assistir ao filme ao lado de muita gente que estava aparecendo na tela.

Para o evento das 15h30, não me atrasei. Tive a oportunidade de apresentar um retrospecto de minhas atividades como editor independente, desde meu primeiro contato com os fanzines, em 1976, minha primeira publicação há mais de 30 anos, em 1982, até hoje, praticamente comemorando 20 anos de edição do “QI”. Na apresentação, contei com a ajuda de Douglas Utescher comandando o datashow, possibilitando que os presentes vissem em tela uma amostra de minhas edições. Tive o privilégio de

falar para uma plateia seleta, que não se acanhou em participar quando foi aberta a seção para perguntas. Estavam lá, entre outros, Henrique Magalhães, Fernanda Meireles, Anita Prado, Gazy Andraus, Dênis Basílio de Oliveira, Elydio dos Santos Neto, Angelo Davanço, José Nogueira, Ana Basaglia, Renato Donisete, Manoel Dama, Lafaiete Carvalho e Márcio Sno, que filmou toda a apresentação. Menciono também meu tio, Juarez Braz de Faria, a quem devo o registro fotográfico desta página.

Às 16h45, também sem atraso, começou o debate ‘Fanzines, Sexualidade e Questões de Gênero’, mediado por Fernanda Meireles, com participação de Anita Prado, Julie e Henrique Magalhães. Mais uma atração de qualidade com ampla participação dos presentes.

Após as atividades programadas, houve bastante tempo para conversar com vários presentes. Pude aproveitar bem as informações dadas por Marcatti, que comprou uma impressora off-set e tem impresso suas edições com ótima qualidade. Também pude conversar bastante com Hamilton Tadeu, que tem produzido muitas edições de quadrinhos.

Estava no programa uma rodada de pizza num local próximo, mas achei melhor não facilitar com o transporte de São Paulo. Escapei do atraso do metrô, mas cheguei a tempo para o atraso da Pássaro Marrom. Resumindo, um dia bem ganho.

FÓRUM

ANTÔNIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Fico contente sempre que recebo o “QI”, recebi o 120 e aproveitei que estou só em casa e li tudo. Gostei muito do ‘Zodiako’, do ‘Mistérios do Coleccionismo’, da HQ ‘Filho Feio’. Na seção ‘Fórum’, vi dois poemas, por isso envio um poema meu e ficarei feliz se você publicar na próxima edição. Outra matéria boa é ‘Além do Hiperespaço’. Parabéns pelo teu trabalho, ‘cotidiano alterado’ e da ‘História em QuaDadinho’, tenho certeza que meu enteado e minha enteada vão adorar e vão disputar para fazerem. Estou enviando o “Letras Santiaguenses” nº 104 e, como sempre, marquei com um X os poemas meus e de meus irmãos.

CORAÇÃO MASOQUISTA

Antônio Pereira Mello

Meditando solitário
Sobre a falta de inspiração
Consultei meu coração
Até pedi por favor
Respondeu com ironia
Queres escrever poesia?
Volta a sofrer por amor!

És amante da poesia?
Eu te digo, é bem feito!
Tu tens dentro do peito
Eu, um coração masoquista!
Amas e não és amado
Terminas sempre derrotado
Perdes quem tu conquistas.

Nascestes para viver só
Esse é o teu destino
Tu sabes desde menino
Não és campeão de rodeio
Não tens nada de bonito
Tu até és esquisito
Sempre foste muito feio.

Volta a te apaixonar
Ouve esse coração
Me faz sofrer de paixão
Pois eu gosto de sofrer
Se fizeres eu me magoar
Tua inspiração vai voltar
Poemas vais escrever.

Do jornal “Letras Santiaguenses” nº 104, enviado por Antônio Pereira Mello, reproduzo o seguinte poema:

*Eterno poeta**



Lari Franceschetto(1965-2013)
Ormy de Lourdes Barone
(Rio Bananal-ES)

LARÍ

Com o coração dorido de saudade
Tomei a liberdade de expressar
Meus sentimentos a todos...
Uma amizade nascida, construída
Por uma série
De cartas amigas literárias
[correspondidas
Até o momento em que Deus o chamou
Para escrever seus poemas
No Campo Celestial
Deixei minha mensagem
No seu TWITER terreno
Na esperança de que vamos poder
Dar continuidade a essa Jornada Literária
Deixo aqui nestas entrelinhas
O meu silêncio
A minha saudade, AMIGO!

(*Homenagem ao poeta Lari
Franceschetto, falecido recentemente)

Tapejara

Louzada



Tira enviada por Antônio Pereira Mello

ESPEDICTO FIGUEIREDO

R. Tamiko Fuzioka, 212 – São Paulo – SP – 04728-190

Recebi o exemplar do “QI”, número 120, e seus suplementos. Ao deparar, na última página, com a minha estorieta (Meméia), senti-me um Will Eisner numa graphic novel. Grato pela colher de chá.

CÁSSIO AQUINO

cassioaquino@yahoo.com.br

Fico muito agradecido de receber seu fanzine já há mais de 10 anos. Aliás, foi com ele que criei um norteador para que eu pudesse produzir fanzines para divulgar minhas poesias. Muito bacana o livro “Memória do Fanzine Brasileiro”, ele apresenta as raízes da comunidade de fanzines aqui no Brasil. Também é valioso por apresentar os fanzineiros de forma íntima, o que evidencia as dificuldades em se fazer uma publicação.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anuniação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 - Portugal

O ‘Zodiako’ é uma obra de eleição, embora quanto a nós, se trate de um trabalho experimental de Jayme Cortez. Lembramos que esse artista nos deixou lindas páginas de Banda Desenhada na revista “O Mosquito”, antes de partir para o Brasil e no vosso país, criaria lindas capas para várias revistas, muitas delas, autênticos quadros de rara qualidade artística. O ‘Zodiako’ é um trabalho menor, em que o artista não deixou o seu carisma. De qualquer dos modos existe e não deixou de ser publicado em várias edições, em Portugal devido à amizade que tinha com Roussado Pinto (editor da Portugal Press) e no Brasil, pelo prestígio que granjeou entre os seus colegas de profissão. Por isso era chamado mercadamente de “Mestre”.

Quanto ao “Achamento do Brasil” é uma obra que não conheço e tomei nota da distribuição dos Prêmios “Angelo Agostini”, autor de uma obra que, infelizmente, só conheço parcialmente. Mas admito a consagração, pois nós em Portugal consideramos o Rafael Bordalo Pinheiro como o autor da primeira História aos Quadrinhos portuguesa, datada de 1872, que se intitulava ‘Apontamentos Sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb Pela Europa’. Li a correspondência dos seus leitores e tomei nota que contactou com o desenhador José Pires, também editor do “Fandaventuras”: tenho algumas das suas edições, embora as considere um pouco dispendiosas, não discutindo, claro está, a sua grande qualidade. Acho interessante o tema dos ‘Doces, Bolachas, Chocolates e Quadrinhos’. Em Portugal também se verificou ao longo dos anos que alguns produtos alimentares ofereceram aos seus consumidores edições ligadas à Banda Desenhada e às Construções de Armar. Por exemplo, os chocolates “Favorita” ofereciam pranchas em cartolina de grande formato, com uma aldeia do Asterix, e os iogurtes “Longa Vida” também ofereceram idêntico material, em mais de 20 folhas também em cartolina, mas já em formato A4. As figuras vinham recortadas, pelo que se tornava mais fácil montar a aldeia pelos consumidores mais novos. O inseticida “Banzé” oferecia pequenos livros de Banda Desenhada com as aventuras de Tony Banzé (rapaz aventureiro). O sabão “Azur” oferecia livrinhos de pequeno formato, 6,5x10cm, com as aventuras de Lucky Luke e o mesmo acontecia com a “Tulicreme” (creme para barrar o pão), que ofereceu pequenos livros com as aventuras de Asterix. As medidas destes ainda eram mais pequenas, 5,5x7,5cm. E podíamos continuar com a “Sumol” (suco de laranja), que oferecia caricatas (cápsulas das garrafas), com as caras de alguns heróis da Banda Desenhada franco-belga, que serviam posteriormente para um jogo de loto. Existiam 12 cartões com as mesmas figuras impressas, para serem preenchidas com as caricatas e que eram oferecidos pela revista portuguesa “Tintin”.

É sempre interessante conhecer os editores de fanzines e saber, às vezes, as dificuldades que existem para que os mesmos sejam criados e editados. Gostei das suas respostas oportunas a Cesar Silva e concordo com todas elas, em relação às críticas que este leitor fez, sobre o seu trabalho ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’.

Oferta Favorita

Querido amigo(a)

Querido amigo(a) aqui vai a oferta de um livro de histórias em quadrinhos. Este livro contém as histórias de Tony Banzé e Lucky Luke. O livro contém 10 histórias em quadrinhos e é muito divertido de ler. O livro contém 10 histórias em quadrinhos e é muito divertido de ler.

1. Tony Banzé e Lucky Luke
2. Tony Banzé e Lucky Luke
3. Tony Banzé e Lucky Luke
4. Tony Banzé e Lucky Luke
5. Tony Banzé e Lucky Luke
6. Tony Banzé e Lucky Luke
7. Tony Banzé e Lucky Luke
8. Tony Banzé e Lucky Luke
9. Tony Banzé e Lucky Luke
10. Tony Banzé e Lucky Luke

Este livro contém 10 histórias em quadrinhos e é muito divertido de ler. O livro contém 10 histórias em quadrinhos e é muito divertido de ler.



GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Brusque – SC – 88350-685

Foi bom ver a última capa com o Chet, da época da editora Vecchi – Chet foi um herói querido pela gurizada, aqui da minha cidade, como tantos outros como Bronco Pillier, Don Chicote, Dick Tracy, Flash Gordon, Jim Gordon, Texas Kid, Robin Hood, Flecha Ligeira, Búfalo Bill, Jerônimo, Cavaleiro Fantasma, Riquinho, Ferdinando, Brucutu, Popeye e tantos outros que faziam nosso reino encantado nos tempos bons de guri e juventude, mas que, felizmente, muitos de nós preservam até hoje.

Agora falando do “QI” 120, está bom como sempre, e cada vez mais páginas são acrescentadas, para nossa alegria de ler. A capa com um prédio, onde aparece, talvez, uma loja, onde se lê em cima da porta “Felicidade”, me fez lembrar de um filme inesquecível, cujo título é “A Pequena Loja da Rua Principal”, um filme tcheco do talentoso diretor Jiri Menzel. Tua oportuna ideia de utilizar este desenho de um postal antigo foi mesmo nota 10. Os textos, encarte, ‘cotidiano alterado’, ‘O Último Gesto’, que me lembrou de “Edição Maravilhosa”, o ‘Fórum’ imperdível, a Bruxa Meméia de E. Figueiredo, e a história bem humorada dos colegas da turma de Engenharia que desenhaste, além do ‘Além do Hiperespaço’ do César Silva, tornam esse número do “QI” um excepcional caderno de leitura.

Envio uma cópia de notícia sobre o ator Lee Aaker, o Cabo Rusty da série “Rin Tin Tin”.

CABO RUSTY E RIN TIN TIN

Em Fortaleza, no tempo da TV Ceará Canal 2, Rin Tin Tin fez o maior sucesso na televisão!

Na história da série, o órfão Rusty e Rin Tin Tin foram adotados pela cavalaria americana e passaram a viver no Forte Apache de Mesa Grande, no Arizona, no final do século XIX.

Rusty (Lee Aaker, nascido em 1943), que recebeu o posto honorário de cabo, tinha dentre seus melhores amigos no forte o Tenente Rip Masters (James Brown), o atarralhado Sargento Biff O’Hara (Joe Sawyer) e o Cabo Randy Boone (Rand Brooks).

Agora, sempre que havia algum problema e Rusty necessitava de ajuda de seu amigo canino, gritava “Yo Ho Rinty”! E Rin Tin Tin aparecia para ajudar.

Uma curiosidade: na série, o Cabo Rusty recebeu a voz do então dublador mirim Reginaldo Farias.

Mediante o sucesso da série na TV brasileira, vários brinquedos foram fabricados na época, entre eles o Forte Apache, fabricado pela Gulliver e Casa Blanca, e o Forte Rin Tin Tin, pela Trol.

JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 – Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-637

Recebi o “QI” 119. Sobre o ‘Mistério do Coleccionismo’, você achou um tema muito bom. Sobre as duas capas publicadas do “Terror e Thriller”, tenho o “Impacto” nº 1 e não tenho “Luana” nº 1. “Impacto” era o título de um jornal estudantil aqui de Cachoeiras, dos anos 60 e 70. Era um jornal muito bom. O ‘Calendário Nacional’, achei sensacional. O ‘Tirando o Chapéu’, excelente. Sobre a página 26, fiquei perplexo: mostra como você (e alguns especialistas em HQs) observam tudo. Muito interessante. Poucas pessoas têm esse dom, esse conhecimento.

Recebi também o “QI” 120 com a capa bem diferente e gostei dele todo, a começar com os ‘Heróis Brasileiros’, a Bruxa Meméia de E. Figueiredo, eu já tinha publicado no “CR”, mas gostei de rever. A página final com seu desenho me fez lembrar do Chet e da editora Vecchi, que publicava tantos gibis. Veja só: La Selva, Rio Gráfica, Garimar, Outubro, Abril, Trieste, Novo Mundo, GEP, Grafipar, Edix, Edrel, O Cruzeiro, Saber, Fittipaldi, Tecnoprint, Orbis, Edições Dado e quantas mais, todas publicando HQs. E hoje, o que temos? Digo em gibis populares, acessíveis aos bolsos; tínhamos gibis e mais gibis nas bancas. E a tiragem? 300.000 exemplares, 200.000, 150.000. E hoje? 25.000 exemplares deve ser o máximo, e a maioria menos ainda. A não ser os produzidos por Maurício de Sousa. Quanta saudade dos gibis e bancas de gibis de décadas passadas.

JOSÉ PIRES

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107, 4º Esq - Lisboa - 1070-082 - Portugal

O problema com os meus fanzines é que eu sou praticamente sozinho, entende? O Jorge Magalhães lá me vai arranjando material inglês com episódios do Matt Marriott que nunca foram publicados entre nós, e de outros, cujas edições portuguesas são lamentáveis e difíceis de reconstituir. Tudo o resto sou eu praticamente que resolvo. Por isso demoro tempo a surgir com as edições. Mas como também sou autor, o espaço fica curto. Agora, por causa de crise econômica que desabou sobre nós (eu tenho meia dúzia de álbuns, prontos a publicar, em carteira), mas as nossas editoras estão pela hora da morte, pois o pessoal mal tem dinheiro para as despesas correntes.

Esse álbum que lhe envio, o “Desperadoes”, era uma coisa destinada a concorrer com o famoso Tex, mas comecei na pior altura. Tenho o primeiro episódio (50 páginas) totalmente feito. O segundo episódio seguiria se uma editora, nacional ou estrangeira, aparecesse interessada. Mas até agora, nada. Falei com um dos editores brasileiros, da Mythos, senhor Dorival, que publica o Tex, e ele levou um dossier para mostrar ao seu associado, quando esteve entre nós, no Porto. Até agora ele não disse nada. Suponho que o meu “Buster” não mereceu atenção dele. Paciência. Por isso a série era a preto e branco, com meios tons, para ser uma edição econômica.

Se o amigo lhe quiser pegar, está à vontade. Eu sei das dificuldades que enfrenta e não tenho nada que exigir em termos de qualidade de reprodução. Está por isso à vontade. Se quiser, pode contar com as 50 páginas do primeiro episódio – sem encargos alguns! Tem carta branca e não me vou queixar se a qualidade de impressão não for a melhor: cada um faz o que pode e com pode. E pode ser que desperte condições para uma edição aí pelo Brasil.

Estou a terminar a edição com o 8º episódio do Matt Marriott, porque ele é completamente inédito em Portugal, que foi o país onde foram publicados mais episódios desta série espetacular. Este episódio, ‘The Sunbaugh Gang’, só foi publicado (que eu saiba) em Inglaterra, em tira diária, no “The Evening News”, porque como tinha 186 tiras, em lugar das 85 normais, era demasiado longo para um magazine vulgar.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, conj. 02, Bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Acuso o recebimento do “QI” 120, que nos brinda com textos de ótima qualidade, algo tão difícil hoje em dia. Os encartes estão belíssimos e ‘História em Quadradinho’ foi de uma criatividade sensacional! Estava relendo alguns textos sobre A Lei Federal de Incentivo à Cultura, conhecida também por Lei Rouanet, que institui políticas públicas para a cultura nacional, como o PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura. Essas leis, pelo que pude observar, foram estabelecidas nos primeiros artigos, e sua base é a promoção, proteção e valorização das expressões culturais nacionais. Mas, percebe-se perfeitamente, que o grande destaque da Lei Rouanet é a política de incentivos fiscais que possibilita as empresas aplicarem uma parte do imposto de renda devido em ações culturais. Isso para mim não é incentivo, e sim privilégio... Segundo o governo, a lei surgiu para educar as empresas a investirem em cultura, e em troca as empresas receberiam incentivos fiscais, pois com o benefício no recolhimento do imposto a iniciativa privada se sentiria estimulada a patrocinar eventos culturais, uma vez que o patrocínio, além de fomentar a cultura, valoriza a marca das empresas junto ao público. Como se vê, a base de troca continua em alta. Minha crítica principal é que o governo deveria investir diretamente em cultura, que acho seja sua obrigação. Quando falamos em cultura, estamos falando de todas elas sem distinções. São tantos os entraves para tal benefício, que o artista acaba desistindo dos seus projetos. Quem garante que os fundos não serão desviados inapropriadamente? Os incentivos da União (governo) à cultura somam 310 milhões de reais: R\$ 30 milhões para a Funarte e R\$ 280 milhões para a Lei Rouanet (porcentagem investida diretamente pela União). Valor suficiente para manter a cultura em todos os sentidos.

Em mãos e totalmente lido o “obeso” “QI” 120. Gostei muito das 3 páginas em quadrinhos, do Beto Martins, do E. Figueiredo e, em especial, a página do mestre Elmano Silva, é um artista que admiro muito, veja se consegue mais trabalhos dele! Com respeito ao Prêmio do 29º Angelo Agostini, só não compareci por não saber o local da premiação. Teria prazer em conversar contigo e te abraçar, mas este ano o Prêmio Angelo Agostini praticamente não teve divulgação nenhuma. Mudando de assunto, a revista “Pesquisa Fapesp” nº 205, de março de 2013, publicou a minha opinião a respeito de um artigo publicado na edição nº 201, chamado ‘As Negociações do Império’. A editora, Mariluce Moura, cita que muitos brasileiros gostariam que o Brasil fosse colonizado por outros povos europeus, e não pelos portugueses. Na opinião dessas “cultas e inteligentes” pessoas, o português só veio para roubar e explorar o pobre povo brasileiro; se fossem os ingleses, franceses e holandeses, o Brasil seria um “paraíso e mais desenvolvido”. É duro ser português no meu querido Brasil, sempre chamado de atrasado e burro. Voltando à revista da Fapesp, a qual é lida na grande maioria por pessoas de curso superior, e que eu considero a melhor revista do Brasil, sempre publicou artigos maravilhosos e sempre teve e tem um respeito enorme por Portugal.



Acima, ilustração de Guilherme Amaro.
Abaixo, convite enviado por Carlos Rico.

Convite



O Presidente da Câmara Municipal de Moura, Dr. José Maria Prazeres Pós-de-Mina, tem o prazer de convidar V. Ex^a para a inauguração da 33ª Feira do Livro e do 18º Salão Internacional de Banda Desenhada - Moura BD 2013, dia 19 de Abril, pelas 18.00 horas, na Praça Sacadura Cabral e Espaço Inovinter.

Deixo-te o link do meu blogue onde falo do teu fanzine “QI”.
Espero que gostes. <http://bloguedbd.blogspot.pt>.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Alex Sampaio enviou o catálogo do 1º FAQ – Festival Anual de Quadrinhos da Bahia e a cartilha “Bons Hábitos de Higiene: Essenciais para a sua Saúde!”, com quadrinhos e passatempos, produção da Lifebuoy. Paulo Joubert enviou a revista de quadrinhos dos Pequíninos, produção da empresa Frutos do Cerrado, e uma cartilha do SUS sobre a Dengue usando símbolos das HQs. Consegui as seguintes edições: “As Aventuras de Fernando no Mundo da Energia”, revista de quadrinhos produzida pela Enersul, Empresa de Energia Elétrica de Mato Grosso do Sul; “Revistinha Hipopó & Cia” nº 15, revista infantil do Clube do Hipopó, marca de biscoitos da Indústria Alimentícia Cory; “Trupe Palomino”, revista infantil distribuída pelas lojas C&A; “A Turma da Cidadania”, cartilha em quadrinhos produzida pela Secretaria de Estado de Fazenda de Minas Gerais; “A Turma do Professor Firmino”, revista em quadrinhos da empresa Pfizer. Consegui também uma edição promocional do livro “Diário de um Banana – Segurando Vela” da Editora V&R.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

MISCELÂNEA: MAZINHO, MICHÈLLE E O SÓTÃO

Nessa edição de ‘Mantendo Contato’, três formas de produção: “O Sótão”, “Michèlle, a Vampira” e “Mazinho e a Mancha”.

“O Sótão” é uma nova publicação da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP), com distribuição gratuita, para divulgar as artes dos autores nacionais.

“Michèlle, a Vampira” é a primeira publicação da Edições WAZ, que pretende publicar quadrinhos de terror e seus autores mais consagrados. Com tiragem de 600 exemplares, a edição traz uma das melhores personagens de Emir Ribeiro. Um terror dos anos 80, sem concessão e muito sensual, onde a personagem é apresentada em todas as suas seis aventuras.

“Mazinho e a Mancha” é um quadrinho institucional, que tem como um de seus patrocinadores a Rede Globo e trata da Hanseníase.

A reunião dessas três edições é motivada pela oportunidade dos lançamentos e também mostrar formatos diferentes de produzir e publicar quadrinhos em nosso limitado mercado.

Worney Almeida de Souza

“O SÓTÃO”

“O Sótão” é uma nova proposta de apresentação da arte dos associados da AQC-ESP. Foi criado um pequeno fanzine de 8 lados (numa simples folha de sulfite dobrada), que tem a periodicidade mensal, com 300 exemplares, distribuído gratuitamente em eventos, gibiterias, pelo correio e, talvez, encartado em publicações da AQC e de quem se interessar.

A motivação é a síntese, o tema é livre, a arte será em preto e branco. O autor deve mandar sua arte em formato retangular, na proporção 14,5x10,5cm. Vale cartum, charge, quadrinhos, tiras, ilustrações, caricatura, texto, grafismo e grafite. O autor receberá 20 exemplares. E a edição será reproduzida no blog da AQC. O autor será identificado pelo nome completo e pelo endereço eletrônico ou endereço de blog ou página na internet.

O autor será incluído na página “Associados” da Associação com um link para sua página eletrônica.

A ideia é divulgar a AQC-ESP, a arte de cada autor e criar uma pequena, mas eficiente, publicação de experimentalismo e de desafio dos artistas interessados.

O primeiro número já saiu em maio, com os seguintes autores: Bia Kassar, Bira Dantas, Gazy Andraus, José Nogueira, Novaes, Rice Araújo e Wagner Rocha.

Envie seu trabalho para:

produtoraculturalwaz@yahoo.com.br.

O espaço está aberto!



Como participar: A motivação é a síntese, o tema é livre, a arte será em preto e branco. O autor deve mandar sua arte em formato retangular, na proporção: 14,5 x 10,5 cm. Vale cartum, charge, quadrinhos, tiras, ilustração, caricatura, texto, grafismo e grafite. Endereço para contato e envio de trabalhos: produtoraculturalwaz@yahoo.com.br

Expediente: “O Sótão” 01 (abril de 2013), tiragem: 300 exemplares. Distribuição gratuita. Produção, edição e distribuição: Worney Almeida de Souza. Logotipo: Bira Dantas. Versão digital no blog da AQC (www.aqcp.blogspot.com) Reprodução autorizada desde que integral e identificando os autores.

“MICHÈLLE, A VAMPIRA” DE EMIR RIBEIRO

Saiu a edição definitiva da personagem vampiresca de Emir Ribeiro, “Michèlle, a Vampira”, que foi criada para as tiras de jornais em novembro de 1977 e adaptada para as páginas dos quadrinhos nos anos 80.

Emir Ribeiro é um dos mais respeitados quadrinhistas brasileiros, destacado por ter criado personagens marcantes como a super loira Velta, o misterioso Homem de Preto, a androide Nova, a enigmática Adrian e uma dezena de figuras bem construídas que povoam a imaginação dos leitores há mais de 40 anos.

Além dos roteiros bem elaborados, Emir constrói cenários diferenciados e muitas vezes surpreendentes. É o caso de “Michèlle, a Vampira”, que, para fugir do modelo padrão das histórias de terror, foi situada no século 16, durante a invasão francesa no Maranhão, na então colônia portuguesa de além-mar.

Michèlle foi contaminada pelo próprio Conde Drácula e chega sedenta de sangue numa terra desconhecida e recém-colonizada e enfrenta a tenacidade do Doutor Palmeira, médico paroquial, mas que conhece o fenômeno do vampirismo, e a vingança de Manoel, mutilado pela personagem. Outro detalhe curioso é que Michèlle tinha dupla personalidade quando era mortal e conservou essa característica depois de transformada em morta-viva.

A saga de Michèlle é eletrizante, ousada e sem concessões. Apresenta um roteiro pulsante e que explora bem as nuances possíveis de uma vampira perdida no meio do Brasil, disputado pelos colonizadores europeus.

Emir Ribeiro sempre foi mestre em desenvolver personagens femininas e de personalidades dispare e Michèlle ocupa um lugar de destaque em sua galeria de criações. Nesse álbum, reunimos todas as seis histórias da personagem, construindo uma saga envolvente, cheia de reviravoltas, com um suspense constante e de ação incessante.

Só resta saborear as páginas da trajetória da vampira e pensar duas vezes antes de se aventurar na madrugada pelas ruas sombrias da cidade.



“Michèlle, a Vampira” – Edições WAZ, 84 páginas, tamanho 17x24cm, preto e branco, lombada canoa, R\$ 19,90, distribuição: www.comix.com.br

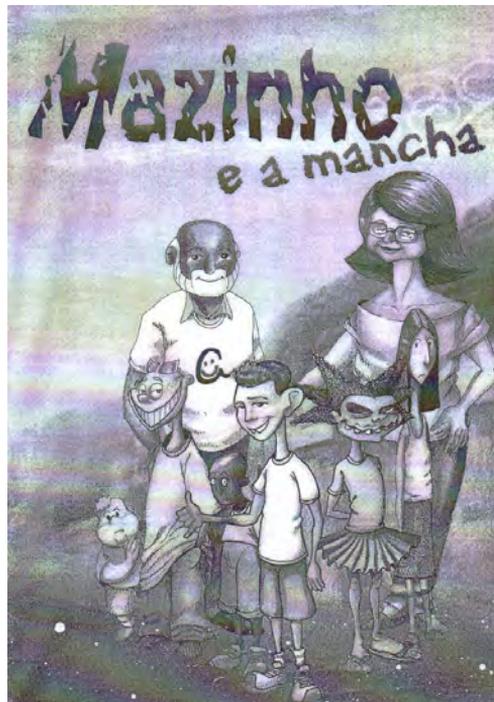
“MAZINHO E A MANCHA”

Os quadrinhos são meios eficazes para divulgar informações sobre saúde e prevenção sobre alguma doença. O poder público (federal, estadual e municipal) tem grande simpatia e, certamente, bons índices de aceitação por parte da população por edições quadrinizadas para desenvolver campanhas publicitárias de vacinação, doações de órgãos, divulgação de exames específicos e informação sobre doenças epidêmicas ou não.

“Mazinho e a Mancha” é uma edição contando a história do menino Mazinho que é muito querido na escola e, depois de uma palestra sobre hansenise, descobre que está com a doença. Com uma mancha no braço, ele é estigmatizado pela turma e fica isolado. Quem informa que a doença é tratável e que ele não precisa ficar afastado da sociedade é o colega apelidado de Bolota, que, por ser gordinho, é ridicularizado.

Com roteiros de Daniel Pinna e desenhos de Marcelo Vital, a edição levanta, além do tratamento da doença (também chamada de lepra), um problema mais atual: a segregação de crianças das escolas por serem diferentes do padrão de beleza que a mídia impõe, o Bullying. Bolota, ou Júlio, é gozado por ser gordo, e Mazinho, o menino mais bonito da turma, também é segregado porque tem uma doença. O dois se aproximam por serem diferentes.

O interessante é que a publicação, de distribuição gratuita, teve uma tiragem de 85 mil exemplares. Os financiadores são muito poderosos: a Organização Pan-americana de Saúde, a Rede Globo de Televisão, o Conselho Nacional e Secretarias Municipais de Saúde, a ONG Amigos da Escola Todos Pela Educação e o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase. Produzida pelos estúdio dos autores (Dinnaps Comunicação Visual), a edição é uma superprodução, mas que consegue errar mesmo depois de impressa! Na 3ª contracapa existe um texto comentando a Hansenise e o terceiro parágrafo original foi substituído por um adesivo com uma correção colada em cima! Uma falha grave de revisão para uma super-edição!



“Mazinho e a Mancha” – 18 páginas, tamanho 19,5x28cm, colorido, papel couché, 85 mil exemplares, lombada canoa.

Depoimento do Editor

GONÇALO SILVA JÚNIOR

Comecei a editar fanzines em fevereiro de 1983, aos 15 anos, quando lancei “A Folha dos Quadrinhos”. Não me lembro porque adotei esse nome, se não me engano foi uma sugestão de pai, que participara de um jornalzinho com o nome de “A Folha”, numa pequena cidade do interior baiano, onde nasceu. Meu primeiro fanzine tinha apenas 4 páginas impressas em mimeógrafo a álcool, feitas numa velha impressora, já bem enferrujada, que um tio presenteou meu irmão alguns anos antes.



Na verdade, não era a minha primeira publicação nesse formato. Cinco anos antes, aos 10 anos de idade, rodei um jornalzinho chamado “A Pena”, com duas páginas – ofício, frente e verso – todo escrito a mão e com textos e desenhos ligados às minhas paixões na época, quadrinhos e filatelia. Sabei um único número. Pode parecer precoce, mas havia uma motivação grande para isso. Meu irmão mais velho, Pedro Risério da Silva, publicava um fanzine hoje totalmente desconhecido, mas que considero um dos melhores já feitos no Brasil: “O Bloquinho”, numa homenagem explícita ao selo infanto-juvenil da Bloch Editores, que publicava (entre 1974 e 1977) revistas em quadrinhos dos super-heróis da Marvel. Era um jornalzinho muito bem feito, com edições de até 20 páginas em papel ofício cujo assunto predominante era quadrinhos.

“O Bloquinho” teve uma vida longa. Saíram nada menos que 27 números entre 1976 e 1982. Uma de suas especialidades era publicar biografias de autores de quadrinhos, como Walt Disney, por exemplo. Até 1980, foi editado na minúscula cidade de Guanambi, na divisa da Bahia com Minas, onde nascemos e passamos a infância. Nesse mesmo ano, nos mudamos para Salvador com o objetivo de estudar. E lá permaneci por quase duas décadas, antes de me mudar para São Paulo. Nesse período em que o jornal existiu, Pedro ainda lançou “O Mandarim” e outros dois títulos dos quais não me lembro mais os nomes. Empolgado com a iniciativa do sobrinho de fazer um jornal aos 12 anos – era a idade de Pedro em 1976 –, um tio que vivia em São Paulo o presenteou com um mimeógrafo. Sua tiragem chegou a

passar dos 100 exemplares e era vendido principalmente pelos Correios para todo o Brasil. Até hoje estranha-me que nunca tenha sido citado em reportagens, artigos e reminiscências sobre fanzines, uma vez que seu público alvo eram leitores de quadrinhos.

Até 1983, nem eu nem Pedro nunca tínhamos ouvido falar que aquele tipo de publicação se chamava “fanzine”. Para nós, tratava-se apenas de “jornalzinho”. Soube do termo somente alguns meses depois que lancei “A Folha dos Quadrinhos” e conheci Alessandro Silva, de Salvador, editor do “Novo Fanzine”, coincidentemente, também lançado em fevereiro de 1983 e impresso em mimeógrafo. Coube a ele explicar o significado do termo, que achei muito esquisito e resisti a adotá-lo durante um bom tempo. Alex era um veterano do tema. Até o ano anterior, ele publicara 21 números do “Jornal do Tex Amigo”, um fanzine no sentido literal do termo, dedicado aos fãs do famoso mocinho italiano, que vendia horrores pela editora Vecchi.

Na semana em que imprimi os 30 exemplares do número de estreia de “A Folha dos Quadrinhos”, o amigo e vizinho Joselito Dias da Silva lançou seu fanzine. Por sugestão minha, ele adotou o mesmo nome do jornalzinho que eu havia feito muitos anos antes: “A Pena”. Couberam a mim ainda as tarefas de desenhar, diagramar e datilografar, além de imprimir a publicação. Cinco meses depois, Joselito mudou-se para o interior e seu jornal morreu antes do quinto número ser concluído. Trazia somente quadrinhos. O mesmo tema tratado por Alessandro no “Novo Fanzine”.

O personagem Tex, tão querido de Alessandro, tem a ver com o começo de minha experiência como fanzineiro. Quando rodei “A Folha dos Quadrinhos” número um, não cheguei a considerar para quem distribuiria os exemplares. Simplesmente fiz o jornal. E pronto. Claro, encaixou tudo. Só que três ou quatro meses antes, eu havia escrito para a seção de classificados de “Tex” por pura curtição: dizia que queria vender minha coleção completa da revista, desde a raríssima primeira edição, lançada em 1971. Eu era fanático pelo personagem e esperava, com isso, manter contato com colecionadores e retomar o hábito que tinha na década de 1970 de trocar correspondência com fãs de quadrinhos – pegava os endereços nos classificados de “Mônica”, “Almanaque Disney” e “Mickey”. Assim conheci umas duas dezenas de crianças com quem fiz amizade, troquei fotos e gibis. Com minha ida para Salvador, perdi o contato com todos eles e o anúncio em “Tex”, acreditava, me reaproximaria do pessoal.

Pois não aconteceu que o anúncio foi publicado? O resultado, porém, assustou até o carteiro de minha rua. Acredite quem quiser: durante uns quatro meses, recebi entre 20 e 60 cartas POR DIA, de segunda a sábado somente por causa do pequeno recado que saí nos classificados da revista. Alguns envelopes sequer tinham o número do meu prédio – que o remetente esquecia de anotar – mas chegava assim mesmo, tamanha a minha popularidade junto ao carteiro. Em resumo: na primeira semana ainda consegui responder umas 50 cartas. Depois, perdi o controle. Não tinha tempo nem dinheiro para atender a tantos.

A partir da segunda semana, passei a selecionar algumas e, quando sentia alguma receptividade em trocar ideias sobre quadrinhos, na carta seguinte mandava um exemplar de “A Folha dos Quadrinhos”. Desse modo, com parte dos fãs de Tex, conquistei próximo de uma dezena de leitores para “A Folha dos Quadrinhos”.

Foi assim que conheci Alessandro Silva e seu “Novo Fanzine”. Ele se tornaria meu elo com o mundo dos fanzines, porque se correspondia com Oscar Kern, Emir Ribeiro, Alvimar Pires dos Anjos, Aimar Aguiar e um monte de outros editores de fanzines, cujas edições conheci durante uma visita em sua casa. Fiquei maravilhado com aquilo, anotei os endereços e imediatamente escrevi a todos eles solicitando informações de como adquiri-los. Assim entrei para o clube dos incríveis fazedores de fanzines.

Quando comecei a receber outros zines e a lê-los, fiquei boquiaberto com aquele universo novo que surgia, principalmente de informação. Eram publicações que se dividiam em dois blocos: a turma da nostalgia, que relembra velhos gibis, editoras e desenhistas, como Jorge Barwinkel (“O Grupo Juvenil”), Delemiro Tupi-Assu (“Suplemento Quadrinhos”) e Aimar Aguiar (“Nostalgia dos Quadrinhos”), três editores pioneiros e de primeiro time; e a ala dos batalhadores pelo quadrinho nacional, que brigava por espaço próprio e para outros artistas. Deste faziam parte Oscar Kern (“Historieta”), Emir Ribeiro (“Velta”), Henrique Magalhães (“Maria”), Deodato Filho (“HQ”), Edgard Guimarães (“Ptiu”) e Alvimar Pires dos Anjos (“Factus”). Começavam a surgir também os zines de fãs e de informação. Desses, “Ptiu” me chamava a atenção não apenas pelo conteúdo, mas pelo título, talvez o mais criativo de todos os fanzines brasileiros até hoje editados. Esse nome tem uma força e uma amplitude impressionantes: pede atenção, provoca, canta o leitor e o faz com classe e discrição. O máximo.

À exceção dos baianos – eu, Aimar, Joselito e Alessandro –, todos os outros tinham aderido à tecnologia e à praticidade da impressão em xerox. Mesmo assim, mantive o meu zine em circulação mensal por 23 números ininterruptos em mimeógrafo, por absoluta falta de grana para fazê-lo em fotocópia. Como forma de torná-lo mais atraente, descobri a potencialidade das matrizes coloridas. E comecei a experimentar. Até então, os fanzines mimeografados em circulação usavam uma só cor – azul escuro ou preto. Depois, descobri que treze anos antes, também em Salvador, Gutemberg Cruz fazia o mesmo com “Na Era dos Quadrinhos”.

Numa mesma folha matricial, datilografava e usava o carbono nas cores preta, azul, vermelha e verde. Havia uma vantagem econômica nisso: com a mesma chapa dava para fazer várias páginas e até mais de um número, desde que aproveitasse de modo racional cada espaço. Até mesmo o número da edição de uma cor diferente dava para fazer num minúsculo espaço que sobrava. Assim, com aquele tipo arcaico de impressão, obtinha resultados que agradavam aos leitores. E aos editores também. Tanto que passei a ser solicitado por Alessandro e Aimar para que usasse aquele recurso em seus fanzines. Devo ter feito umas trinta capas somente para “Nostalgia dos Quadrinhos”, de Aimar.

Houve uma curiosidade na história desse primeiro fanzine que fiz. Meu custo era quase zero porque, desde o começo, ganhei um ótimo aliado, Cláudio, colega de escola. Quando viu um dos primeiros números do jornal, ele se empolgou mais do que eu e se ofereceu para me ajudar com o fornecimento gratuito de caixas com 100 unidades de matrizes e até papel para impressão. Seu pai era funcionário do almoxarifado da Universidade Federal da Bahia e, claro, não teria maiores problemas para conseguir o material. Ganhei umas cinco caixas ao longo do ano, suficientes para fazer pelo menos 120 edições de quatro páginas cada.

Em 1984, montei meu primeiro zine em xerox, “Jornal dos Quadrinhos”, com oito páginas em meio ofício, que deveria ser feito em parceria com Alessandro Silva, como informa o expediente. Não vingou pela pobreza da edição: um amontoado de colagens de artigos de jornais e revistas de quadrinhos. Como meu “sócio” não se interessou em dar continuidade, decidi desistir também. Na verdade, não tinha a ver com o que eu buscava.

Nessa época, por volta de 1984, conheci um amigo para toda a vida: Antônio Cedraz – desenhista, criador da turma do Joinha e, depois, Pipoca. Cedraz era uma celebridade em Salvador porque, desde o final da década de 1970, ilustrava o “Joba”, caderno infantil dominical do “Jornal da Bahia”, então o de maior circulação na Bahia.

Escrevi para ele, visitei seu estúdio e dei início a uma intensa carreira como roteirista de quadrinhos infantis que não teria continuidade. Nessa aproximação, Cedraz se ofereceu para imprimir – gratuitamente, claro – pequenas tiragens de meus fanzines no banco onde trabalhava. Ele era chefe da seção de treinamento e tinha a sua disposição as mais modernas máquinas de xerox.

Tal oferta me permitiu criar “Quadrinhos Magazine”, um nome esquisito, que combinava uma palavra em português com a denominação em inglês de revista. Alguns leitores entenderam como “loja de quadrinhos” e cansei de receber cartas com listas extensas de colecionadores à procura de números antigos de gibis.

“Quadrinhos Magazine” teve duas fases. A primeira, durou quatro números, entre 1984 e 1985, em formato meio ofício, sempre com 20 páginas. Esse período me aproximou muito da profissão que adotaria no futuro: jornalismo. Se antes eu cozinhava com certo descaramento artigos e textos alheios, resolvi arriscar minhas próprias pesquisas e reportagens. Achava que, com um cuidado maior no visual, aliviaria a má impressão dos textos mal escritos. Por isso, considero o “QM” um trabalho mais visual, onde exercitei colagens e experimentos com os recursos das máquinas de xerox reduzidas – uma novidade recente.

Havia, porém, o esforço do estilo que imprimiria nos futuros fanzines: a informação jornalística e histórica. Uma opção que não fiz desde o início. Os dois primeiros números são uma homenagem a um de meus heróis de infância, Tex, num histórico dividido em duas partes. A partir do terceiro número, dei uma guinada e aderi totalmente à luta pelo quadrinho nacional. A capa dessa edição ficou maravilhosa, com um sensual desenho de Velta feito por Emir. A super-heróina aparecia de costas, a bunda coberta por um short bem sexy e com a frase na camiseta: “100% Nacional”. No quarto e último número, publiquei meu primeiro perfil biográfico a partir de entrevistas e consultas a arquivos sobre a luta de quase duas décadas que Cedraz travava para conseguir uma editora. Assim, libertava-me da simples colagem.

A experiência como roteirista de quadrinhos de Cedraz e a aproximação com quadrinistas de todo país por meio dos fanzines me fizeram aderir a um movimento que surgia quase naturalmente que era fazer um tipo de publicação para promover a luta pelo quadrinho nacional. Mergulhei firme e, instintivamente, talvez, acredito que não adotei uma postura panfletária. Optei pelo caminho mais jornalístico, de divulgar artistas – falava de suas obras, de suas ideias e, sempre que possível, publicava trabalhos inéditos de alguns deles.

O que me motivou a abandonar o formato de impressão em mimeógrafo a álcool foi o que chamaria de ditadura da xerox. Sem dúvida, a qualidade desse tipo de impressão causou certa discriminação que provavelmente muitos leitores e editores não perceberam. Os zines mimeografados eram extremamente rústicos e limitados. Tudo tinha que ser redesenhado ou decalcado quando havia necessidade de se colocar ilustrações. Era inequívoco, porém, certo charme que aquelas folhas de papel em cor azul – em sua maioria, pois era a mais facilmente encontrada – passava para os leitores. O cheirinho de álcool que ainda exalava em seu manuseio, mesmo dias depois, dava um toque especial.

O mais impressionante é que, revistos vinte ou trinta anos depois, esses fanzines passam um clima de nostalgia e de garra de quem os fazia. Alguns editores como Edson Rontani, Gutemberg Cruz, Aimar Aguiar e o esquecido Pedro Risério, de “O Bloquinho”, conseguiram arrancar desse modo tão antigo e restrito de impressão resultados maravilhosos que revelavam o quanto os editores brasileiros de fanzines eram criativos. São trabalhos incríveis que, nesses tempos de xerox colorida e impressão a laser em cores mereciam reedições em fac-símile para que as novas gerações conheçam esses pioneiros.

Em 1985, porém, fazer fanzine em mimeógrafo era brega e pobre. Ninguém disse isso, mas havia uma implícita resistência em relação ao formato, principalmente quando se tentava divulgá-los. Os demais editores dedicavam generosos espaços às publicações em xerox, reproduziam capas, mas praticamente ignoravam a turma do mimeógrafo. Não que houvesse intenção de aparecer ou necessidade de exibicionismo, mas qualquer fanzine precisa de público para

mandar sua mensagem e, claro, sobreviver. Ou seja, necessita de divulgação de outros fanzines para atrair mais leitores. Essa atenção do pessoal da xerox era quase nula. Tanto que, quando adotei a xerox e, depois, o offset de mesa, o tratamento mudou. E olha que havia o mesmo esforço nos dois formatos. Tudo bem que meus primeiros zines eram bem mais mal feitos, só que isso acontecia com alguns feitos em xerox também. Pode-se dizer que os fanzines que editei só tiveram mais atenção depois porque foram evoluindo um pouco, como acontece com todos os editores, sempre na experimentação. Não compartilho dessa justificativa.

Ao mesmo tempo que experimentava com colagens e brigava para fazer minhas primeiras reportagens, artigos e resenhas, aprendia muito com as outras publicações. Creio que o mundo dos fanzines também funciona assim, um vai ensinando e influenciando o outro. Essa referência, no entanto, não era por mim aproveitada para copiar formatos. Ou seja, fazer o fanzine do fanzine. Os outros funcionavam mais como um estímulo para crescer e diferenciar o que eu fazia. Tudo isso, vale ressaltar, na mais absoluta cortesia e sem qualquer pretensão profissional ou editorial. Por outro lado, como tudo na vida, havia um pouco de competição entre os editores.

O fanzine que mais provocou impacto em mim quando era editor foi “Quadrux”, editado em São Paulo por Worney Almeida de Souza. Estava ali o formato de zine que eu gostaria de fazer, com ênfase para a informação histórica e jornalística. Worney tinha dois trunfos na mão: acesso fácil a importantes nomes do quadrinho nacional e a uma gráfica de offset em chapa papel, a um custo barato. Ficava maravilhado com as edições de 40, 60 páginas que ele fazia, com longas entrevistas que recuperavam parte da memória do quadrinho brasileiro. Em Salvador, porém, não havia como conseguir uma impressão daquela a um custo permissível a quem ganhava uma mesada de estudante. Até que viajei para São Paulo, em janeiro de 1986, onde fui passar férias. Lá, conheci Worney. Numa visita à sua casa, deparei-me também com outros desenhistas que admirava como os geniais Ofeliano de Almeida e Vilachá.

Muito gentil, Worney ofereceu-se para uma missão trabalhosa: imprimir um fanzine para mim e enviar toda tiragem pelo correio. Sem qualquer custo além das despesas gráficas e de envio. Levei a oferta a sério e em um mês reformulei por completo o “Quadrinhos Magazine”. Abandonei o tamanho meu ofício e montei um zine em ofício e com 22 páginas. Era uma edição totalmente impregnada de militância pelo quadrinho nacional. A capa de Cedraz trazia um gângueiro contra Super-Homem e anunciava uma luta fictícia entre os heróis estrangeiros e brasileiros. Escrevi a história e Anibal Cassal deu o texto final. Bem panfletária, mas ideal para aquele momento. Como eu havia visitado a editora Abril e conhecido o departamento de quadrinhos, trouxe de lá um monte de novidades para os próximos meses, que me permitiu criar uma seção só com as notícias quentes.

Mandei os originais e o dinheiro para Worney. Ele rodou 200 exemplares que ficaram maravilhosos para mim, claro. Só que houve um problema e o pacote chegou às minhas mãos uns seis meses depois, quando já havia perdido todas as esperanças. Nesse meio tempo, um professor do colégio onde eu estudava apresentou-me para o chefe da gráfica e pediu-lhe para que me ajudasse a imprimir um fanzine em formato meio ofício só com piadas desenhadas por Cedraz. Chamava-se “Baianada” e reunia o melhor do desenhista nos anos de 1970. Rodamos cem exemplares. Com a chegada da tiragem do número 1 do “Quadrinhos Magazine”, segunda fase, animei-me para fazer o número dois. Temia que houvesse alguma resistência na gráfica, mas o mesmo professor de antes me deu a senha: deveria presentear sempre o funcionário da gráfica com alguns litros de cachaça que meu pai sempre trazia de um amigo do interior. Assim, o problema da impressão estava resolvido.

A segunda série do “Quadrinhos Magazine” durou dois anos. De acordo com a disponibilidade de grana, fazia com menos ou mais páginas. Consegui editar dois números (4 e 6) com 50 páginas em tamanho ofício. Uma loucura que não sei se repetiria hoje. Saíram seis números, mas foram impressos (parcialmente) sete. Eu estava tão desanimado para continuar que nem tive ânimo para concluir e distribuir o último. Dei alguns exemplares a amigos mais próximos e destruí o resto num momento impensado. Arrependo-me disso porque

tinha uma entrevista interessante com o editor Franco de Rosa sobre a Press Editorial, a primeira editora nacional a publicar os artistas brasileiros com edições no formato graphic novel.

Esse foi o fanzine que mais me deu prazer. Nele, aprendi no tapa a diagramar e a dar lógica aos textos, fazer entrevistas, resenhas. Enfim, um laboratório jornalístico. Acho que contribuí para divulgar novos desenhistas, como o maravilhoso Carlos Alberto, de Natal, RN. Também comprei algumas brigas ao me meter a comentar os fanzines que saíam. Conquistei alguns inimigos por isso. Sem querer, quebrei um pouco da harmonia que havia da convivência entre os editores. Fui levado a sério demais. Um desses problemas aconteceu em relação ao então editor da Abril João Paulo Martins, conhecido como Jotapê, depois editor da excelente editora Via Lettera. Em 1987, ele criou um fanzine chamado “Portal do Universo”, que Worney denunciou como uma contra-ofensiva da redação da Abril em relação às críticas que a editora vinha sofrendo por mutilar as histórias da Marvel e da DC. Ele ficou furioso, mandou uma longa carta, que publiquei na íntegra.

Nessa fase, aconteceram alguns fatos curiosos. Um deles aconteceu comigo. Certo dia, por acaso, descobri que um orelhão perto da minha casa fazia ligação interurbana com ficha local. Melhor, com uma única ficha, podia falar por tempo indeterminado com qualquer lugar do país. Esse defeito durou uns dois anos. Isso me permitiu fazer um fanzine com informações quantíssimas. Ou seja, preparava toda a edição durante um, dois ou três meses. Quando quase todo o material já estava na gráfica, eu corria para o telefone, ligava para vários editores e desenhistas, colhia um monte de novidades, fazia duas páginas com o material e fechava a edição. Uma semana depois, os leitores recebiam as notícias quentinhas. Creio que esse foi um dos diferenciais do “Quadrinhos Magazine”.

A exemplo do Worney, também me ofereci para imprimir fanzines de outros estados na gráfica do colégio, sem qualquer vantagem econômica para mim. A pessoa mandava o dinheiro para impressão e remessa apenas. Fazia isso por amizade e coleguismo.

Depois do fim da segunda fase do “Quadrinhos Magazine”, fiquei um tempo sem editar nada. Aproveitei para dedicar-me à produção de roteiros para quadrinhos. Além de fornecer material para Cedraz, fiz roteiros de quadrinhos eróticos para a Maciata, de Franco de Rosa. Algumas poucas histórias foram aproveitadas. Esse contato direto com os quadrinhos aconteceu naquela fase pós-adolescência que se começa a descobrir o mundo e o que há de interessante e desagradável nele. Novidades que, geralmente, a vida universitária ajuda a aproximar – movimento estudantil, novas disciplinas e assuntos interessantes. No meu caso, o curso de jornalismo, que me permitiu mergulhar em história, sociologia, antropologia e cinema.

Cito isso tudo porque foram influências imediatas que levei para os fanzines. Passei a devorar compulsivamente livros sobre cinema e história do Brasil, com ênfase para o longo período entre as duas ditaduras brasileiras – Estado Novo, de Vargas (1937) e toda a ditadura militar (1964-1985). A literatura regionalista brasileira também se tornou uma paixão, mais precisamente os livros de José Lins do Rego, que releio sempre. No período de 1986 a 1989, quando aconteceu o auge do rock nacional (ouvira muito Camisa de Vênus, Ira!, Legião Urbana, Raul Seixas), enveredei-me ainda por algumas descobertas que não abandonaria nunca mais: os romances da geração beat e dos autores malditos americanos (Bukowski, Fante, Kerouac, Salomon, Cassidy e outros) que passei a devorar, graças a Ernani, um sujeito bem legal de Brasília, que abriu em Salvador uma livraria chamada Kaya, de curta duração, mas inesquecível.

Esse contato com a Kaya aproximou-me muito do rock americano de todos os tempos, que ia desde a década de 1950 aos anos de 1980. Dos Rolling Stones aos Smiths, passando pelo experimentalismo do Velvet Underground e o punk do Clash. Tudo isso, misturado com os quadrinhos de Robert Crumb e Marcatti, mais as maravilhas das minisséries de luxo e graphic novels que chegaram ao Brasil na segunda metade da década de 1980. De tudo isso nasceu o fanzine “Livres Cativeiros”, só com quadrinhos radicais de sátiras a personagens da TV e dos próprios quadrinhos e abordagem política sobre a situação política do momento. Eu fazia os roteiros e Leônidas Grego e Sidney Falcão cuidavam dos desenhos.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas por Gonçalo Júnior:

– “A Folha dos Quadrinhos” (ofício, 4 a 10 pág.): 1 (fev/1983) a 23 (dez/1984). Impresso em mimeógrafo a álcool. Até o nº 9 o nome era simplesmente “A Folha”.

– “Jornal dos Quadrinhos” (1/2 of., 8 pág.): 1 (1984). Impresso em xerox com tiragem de 20 exemplares.

– “Quadrinhos Magazine” (1/2 of., 20 a 24 pág.): 1 (jul/1984) a 4 (jul/1985). Impresso em xerox.



– “Quadrinhos Magazine” nova fase (ofício, 18 a 50 pág.): 1 (mar/abr/1986) a 7 (set/1988). Impresso em offset.

– “Baianada” (1/2 of., 28 pág.): 1 (ago/1986). HQs de Cedraz e outros autores baianos, tiragem de 500 exemplares.

– “Livres Cativoiro” (1/2 of., 48 pág.): 1 (jun/1989).



– “Shima Especial” (ofício, 22 pág.): outubro de 1989. Edição dedicada a Júlio Shimamoto, impressa em xerox.

– “Ghost Writer” (ofício, 18 pág.): outubro de 1990. Edição dedicada a Rubens Francisco Lucchetti, impressa em xerox.

– “Balloon” (ofício, 22 a 28 pág.): 1 (mai/1991) a 3. Impressão em offset com tiragem de 1000 exemplares.



A partir do começo dos anos 2000, Gonçalo Júnior começou a publicar livros teóricos sobre vários assuntos, com destaque para as Histórias em Quadrinhos. Alguns deles são:

– “País da TV” (Conrad, 2001).

– “O Homem Abril” (Abril, 2003).

– “A Guerra dos Gibis” (Companhia das Letras, 2004).

– “Alceu Penna” (Cluq, 2004).

– “Benício” (Cluq, 2006).

– “Biblioteca dos Quadrinhos” (Opera Graphica, 2006).

“Livres Cativoiro” teve o apoio de Ernani, que forneceu todo o papel, cerca de cinco mil folhas – dez pacotes. Ele fez isso por puro entusiasmo, com parte do seu salário de bancário. Não imaginava que causaria indignação dos frequentadores candidatos a poetas. Cobraram dele o fato de ter patrocinado uma “baixaria” daquela ao invés de pagar a impressão de seus livros de poemas. E o fanzine virou uma afronta. Suas histórias foram excecadas e rotuladas como mera pornografia por editores de todo o país. Cartas de protesto vieram de todo Brasil. Pressionado, Ernani escondeu o zine debaixo do balcão.

Nesse momento, produzíamos como loucos, fizemos mais de 300 páginas em poucos meses. “Livres Cativoiro” saiu em junho de 1989. A revista zine não teve continuidade, embora tenha montado mais dois números que permanecem comigo, inéditos. Releio agora esse material e acho que foi uma pena não ter sido aproveitado.

Entre 1989 e 1990 fiz apenas dois fanzines especiais: um dedicado aos 50 anos de Shimamoto e outro à dupla R. F. Lucchetti e Nico Rosso. O primeiro – “Shima Especial” – foi classificado por Franco de Rosa num artigo no “Jornal da Tarde” como “o melhor fanzine de todos os tempos”. O que impressionou tanto ele foi o modo como a edição foi composta. A partir de dois questionários que elaborei, Shima fez o fanzine inteiro à mão e ilustrou as páginas com imagens de sua infância, juventude e vida profissional. Isso, em 22 páginas, tamanho ofício. Uma grata satisfação. O outro fanzine chamou-se “Ghost Writer”. Fiz na faculdade, como trabalho de disciplina, em parceria com a colega Ana Rita Freitas. A matéria bruta foi uma série de entrevistas por escrito realizada com Lucchetti sobre sua vida profissional e seus trabalhos em parceria com Nico Rosso.

Ainda na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, sugeri ao professor Rogério Marcelo que criasse, em 1991, o Centro Experimental de Fanzines, uma experiência pioneira no Brasil. A partir do conceito original americano de revista de fã, ele estimulou duplas de alunos a produzirem fanzines, que tiveram tiragens superiores a 50 exemplares. Foram feitas dezenas de publicações durante vários semestres. Além de apurar sobre a vida de artistas, políticos, escritores, etc., os estudantes tinham de diagramar e montar as publicações. Até Irmã Dulce ganhou um fanzine sobre sua vida. Uma ideia a ser copiada por cursos de jornalismo porque permite aos alunos exercitarem todas as etapas de produção de um jornal.

Foi na faculdade que fiz meu último fanzine, “Balloon”, em parceria com três colegas viçados em quadrinhos: João Carlos Sampaio, Alexandre Augusto e Marcos Vinhas. Influenciados pelas disciplinas teóricas de comunicação, fizemos um fanzine “cabeça”, como definiu a “Folha de S. Paulo”. Eram ensaios interpretativos sobre o que se produzia de quadrinhos na época, com ênfase para a explosão das graphic novels e minisséries de luxo. Foram três edições caprichadas, com cuidadoso tratamento gráfico e editorial. Acabou porque os editores se formaram e foram cuidar de suas vidas.

Desde que a internet se tornou um meio revolucionário de comunicação, imaginei o quanto essa ferramenta seria útil para a proposta libertária dos fanzines. Sim, libertária porque até mesmo os zines de fã trazem a marca da comunicação livre e descompromissada. Creio que, com o acesso cada vez mais fácil ao meio, os zines eletrônicos poderiam ser um número bem maior. Há, nesse aspecto, certa dificuldade ainda para se explorar as potencialidades de um jornal eletrônico. Até mesmo os profissionais mais habilitados encontram dificuldades em descobrir um formato ideal de leitura para internet. Não se encontrou ainda um meio-termo visual entre o computador, as revistas, os jornais e a televisão para explorar melhor a rede. Os fanzineiros são, sem dúvida, uma ferramenta importante nesse processo de descobertas. Cabe a eles experimentar, fazer colagens, encontrar novas linguagens, exatamente como sempre fizeram com o papel e a tesoura. Devem também adotar cada vez mais o e-mail como meio de comunicação rápido e barato. A internet pode ser também um mero veículo difusor dos fanzines tradicionais. Com uma impressora em casa, por exemplo, o leitor pode simplesmente receber o jornal em formato A4, via e-mail, e imprimi-lo para uma leitura mais convencional. Por ser um meio barato, acredito que esse será o melhor caminho para a disseminação dos fanzines. Resistir a essa tecnologia é uma bobagem. Fanzine rima com democracia da informação. Esse é o seu futuro.

EDIÇÕES INDEPENDENTES



Artlectos e Pós-humanos

Edgar Franco
N. 7. 32p. 14X20cm. R\$8,00.
Quadrinhos poético-filosóficas
www.marcadefantasia.com

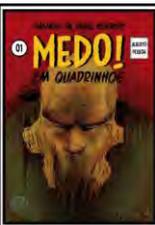


ICFIRE - 100 - 100 PÁGS.
EDIÇÃO COLORIDA E EM P & B.
MUITAS HISTÓRIAS E DESENHOS.
100 PÁG. A5. COLOR E P & B. R\$ 12,00,
OU SELOS, OU TROCA. ABR/2013.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737
LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.



Maria Magazine

Henrique Magalhães
N. 4. 36p. 14X20cm. R\$8,00.
Tiras humorísticas do autor, mais Tônio
e Edgard Guimarães
www.marcadefantasia.com



MEDO!

Alberto Pessoa
56p. 14X20cm. R\$10,00.
Quadrinhos inspirados e em
homagem a Flavio Colín.
www.marcadefantasia.com

ÁTOMO * n° 8 * abr/2013 * 12 pág. * A5 * **Ricelle Sullivan Suad** - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Cambaia - São Luis - MA - 65020-401.

BENJAMIN PEPPE * n° 5 * mai/2013 * 44 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **Paulo Miguel dos Anjos** - Pr. Francisco de Santiago, 60 - São Paulo - SP - 02514-070.

O BOM & VELHO FAROESTE * n° 6 * mar/2013 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

BRASIL COMICS * 332 pág. * A5 * capa color. * R\$ 41,30 * **Lincoln Nery** - a/c www.clubedeautores.com.br.

BRUSQUE ONTEM * vol. VIII * jan/2013 * 24 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 77 * abr/2013 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 75,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

O CASTELO - ILUSTRAÇÕES * n° 1 * mar/2013 * 12 pág. * meio ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

CASTELO DE RECORDAÇÕES * n° 2 * fev/2013 * 12 pág. * meio ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

CERQUEIRA ZINE * n° 1 * dez/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * **Denis Basilio de Oliveira** - R. Severino Pagnocelli, 39 - Gopóvia - Guarulhos - SP - 07092-140.

DEVORADORES DE GIBIS * n° 20 * abr/2013 * 12 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

ESPEDITO * n° 1 * dez/2012 * 32 pág. * 215x285mm * capa color. * R\$ 20,00 * a/c **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

FANDAVENTURAS * *Os Órfãos do Mar* * n° 1 * 2013 * 110 pág. * A4 * capa color. * 20 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS * *Os Órfãos do Mar* * n° 3 * 2013 * 108 pág. * A4 * capa color. * 20 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FICÇÃO - Dia Nacional do Fanzine * fev/2013 * 8 pág. * A7 * **Gazy Andraus** - R. Jacob Emerick, 458/805 - Centro - São Vicente - SP - 11310-070.

HISTÓRIAS SAGRADAS * n° 6 * fev/2013 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

ICFIRE * n° 100 * abr/2013 * 104 pág. * A5 * color. * R\$ 12,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

IRON MAIDEN em quadrinhos * n° 1 * 2011 * 52 pág. * 170x260mm * color. * R\$ 5,00 * **Hamilton Tadeu** - C.P. 15030 - São Paulo - SP - 01537-970.

QUADRINHOS

ALMANAQUE DE ARAQUE * 2013 * 108 pág. * A5 * capa color. * R\$ 33,16 * **Angelo Junior** - a/c www.clubedeautores.com.br.

ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS * n° 7 * mar/2013 * 32 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 8,00 * **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

JORNAL GRAPHIQ * nº 74 * mar/2013 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * nº 75 * abr/2013 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

KISS * nº 1 * 2012 * 100 pág. * 170x260mm * color. * R\$ 10,00 * **Hamilton Tadeu** – C.P. 15030 – São Paulo – SP – 01537-970.

LEÃO NEGRO – A VESTAL * 52 pág. * A4 * capa color. * R\$ 30,00 * a/c www.clubedeautores.com.br.

“LEVE O CASACO, BILL” * 2013 * 40 pág. * capa color. * R\$ 14,00 * **Marcos Diamantino** – Al. Maestro José Cassiano Sobrinho, 1136 - Barreto - SP - 14784-344 - m.diamantino@uol.com.br.

MARIA MAGAZINE * nº 4 * abr/2013 * 36 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 8,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

MEDO! em quadrinhos * nº 1 * 2013 * 60 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 10,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

MESTRES DO QUADRINHO NACIONAL * nº 5 * abr/2013 * 58 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

MOCINHOS & BANDIDOS * nº 106 * jun/2013 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 45,00 (ass. 4 nºs) * **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

PERDIDO NO PLANETA DOS MACACOS * 2013 * 88 pág. * A5 * capa color. * R\$ 31,69 * **Angelo Junior** – a/c www.clubedeautores.com.br.

40 ANOS DE VELTA * *Homenagem a Judoka* * mai/2013 * 68 pág. * 160x230mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 3535 – João Pessoa – 58037-970.

TIRAS VS. MONSTROS * nº 3 * mar/2013 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

VELTA & RAIOS NEGROS * nº 3 * fev/2013 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * nº 146 * abr/2013 * 15 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 147 * mai/2013 * 23 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * nº 225 * mar/2013 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * nº 226 * abr/2013 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

FANZINEIROS DO SÉCULO PASSADO * doc. em DVD (3ª parte) * 2013 * **Márcio Sno** – marciosno@hotmail.com.

MEGAROCK * nº 60 * fev/2013 * 14 pág. * A4 * **Fernando Cardoso** – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971.

NFL ZINE * nº 34 * abr/2012 * 8 pág. * 190x320mm * **Hamilton Tadeu** – C.P. 15030 – São Paulo – SP – 01537-970.

24 • QI

NFL ZINE * nº 35 * jun/2012 * 8 pág. * 190x320mm * **Hamilton Tadeu** – C.P. 15030 – São Paulo – SP – 01537-970.

NFL ZINE * nº 36 * jul/2012 * 8 pág. * 190x320mm * **Hamilton Tadeu** – C.P. 15030 – São Paulo – SP – 01537-970.

NFL ZINE * nº 37 * set/2012 * 8 pág. * 190x320mm * **Hamilton Tadeu** – C.P. 15030 – São Paulo – SP – 01537-970.

NFL ZINE * nº 38 * nov/2012 * 8 pág. * 190x320mm * **Hamilton Tadeu** – C.P. 15030 – São Paulo – SP – 01537-970.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BOÊMIO * nºs 281 e 282 * **Eduardo Waack** – R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA ANFB * nº 17/2013 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

O GARIMPO * nº 94 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

LETRAS SANTIAGUENSES * nº 104 – **Auri Sudati** – C.P. 411 – Santa Maria – RS – 97001-970.

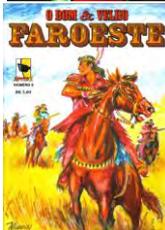
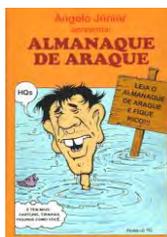
VIDA E PAZ * nº 159 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

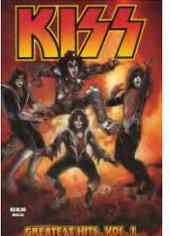
A VOZ * nº 130 * Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejipió - Recife - PE - 50930-000.

RECADOS

José Pinto de Queiroz Filho transformou seu fanzine impresso “Portal” em um blog sobre quadrinhos antigos sem descartar os mais novos. – <http://portaldogibinostalgia.blogspot.com.br>.

GALERIA DE CAPAS





PROJETO DE LEI SOBRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Mensagem enviada por Bernardo Aurélio, Conselheiro do Núcleo de Quadrinhos do Piauí

Em 2009, o Deputado federal Vicentinho (PT/SP) apresentou o projeto de lei (PL) nº 6060 que trata sobre cotas para as histórias em quadrinhos no Brasil. O projeto é praticamente o mesmo apresentado pelo então Deputado federal Simplicio Mário (PT/PI) em 2006, o PL nº 6581, que foi recusado pela Câmara por considerarem anticonstitucional a obrigatoriedade de cota mínima de 20% de quadrinhos originalmente brasileiros a serem impressos pelas editoras nacionais. Acontece que o Deputado Simplicio é meu pai, fui eu que escrevi aquele projeto de lei em 2006 e, não querendo que a iniciativa do Deputado Vicentinho esbarraresse no mesmo problema, resolvi procurá-lo. Fui à Brasília nos dias 23 e 24 de abril e o procurei em seu gabinete. Infelizmente o deputado não estava, mas falei com Paulo, seu assessor. Descobri com ele que o PL nº 6060 estava nas mãos do relator da Comissão de Cultura José Stédille, Deputado federal pelo PSB/RS. Descobri também que o prazo para emendas parlamentares que alterassem o texto do projeto de lei havia acabado recentemente, dia 4/4/2013. Conversando com o Deputado Stédille, expliquei como é importante que o projeto perca o caráter de cota obrigatória sem nenhuma contra-partida para as editoras e torne-se uma lei de incentivo fiscal para aquelas editoras que, espontaneamente, atinjam uma conta mínima de quadrinhos nacionais. Falei que o incentivo fiscal poderia acontecer como previsto na Lei Rouanet (até 4% de desconto do valor total do imposto de renda para pessoa jurídica). Falei também que a revisão no PL nº 6060 poderia sugerir a criação de um edital nacional de incentivo à publicação de quadrinhos nos moldes do PROAC, do município de São Paulo, que premia com R\$ 40 mil projetos inéditos de quadrinhos de autores nacionais. O Deputado Stédille ficou interessado nas alterações que eu coloquei, da mesma forma que o Paulo, assessor do Vicentinho. Até onde entendi, o Deputado Stédille teria duas opções depois de considerar desfavorável o PL nº 6060 como ele se encontra hoje: 1º) pode apresentar um substitutivo no PL nº 6060 incluindo todas as alterações que eu coloquei tornando muito mais fácil sua aprovação na Câmara e no Congresso; 2º) ou ele ou o Vicentinho apresentam um novo projeto de lei nos termos colocados por mim. Espero que tudo possa acontecer rapidamente, já que minhas expectativas (e de muitos outros) com relação a um projeto de lei como esse desenrola-se desde 2006. Obrigado a todos pela atenção que recebi em Brasília e espero que nosso projeto possa acontecer e agradar a todos para que possamos, autores, editoras e leitores, torcer juntos pela sanção da canetada final da presidente Dilma.

Bernardo Aurélio – Conselheiro da Associação Núcleo de Quadrinhos do Piauí.

Segue abaixo modelo da revisão do PL, que apresentei tanto ao Deputado Stédille quanto no gabinete do Deputado Vicentinho.

REVISÃO DO PROJETO DE LEI Nº 6060/2009, DE INCENTIVO AO QUADRINHO NACIONAL

Estabelece mecanismo de incentivo para a produção de histórias em quadrinhos nacionais.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei estabelece incentivo para a produção de história em quadrinhos de origem nacional no mercado editorial brasileiro.

Art. 2º As editoras que atingirem um percentual mínimo de histórias em quadrinhos de origem nacional, considerando-se o conjunto das publicações do gênero produzidas a cada ano, receberão incentivos fiscais através da redução do Imposto de Renda, de acordo com a proporção: se atingirem um mínimo de 30% de quadrinhos nacionais, poderão reduzir do Imposto de Renda valor de até 50% do total investido na produção desses quadrinhos nacionais; se atingirem 20%, poderão reduzir até 25% do total investido na produção desses quadrinhos nacionais.

§ 1º O incentivo fiscal obtido através dessa lei deverá estar dentro dos percentuais permitidos pela legislação tributária. Para empresas, até 4% do imposto devido; para pessoas físicas, até 6% do imposto devido, de acordo com a Lei Rouanet (Lei nº 8313 de 23 de dezembro de 1991).

§ 2º Considera-se história de quadrinhos de origem nacional aquela produzida, escrita e desenhada por artista brasileiro, ou por estrangeiro radicado no Brasil, e que tenha sido publicada originalmente por empresa sediada no Brasil.

§ 3º O percentual de títulos estipulados no “caput” deste artigo será estipulado da seguinte forma: a cota mínima de quadrinhos nacionais deve ser calculada em comparação com o total de páginas de quadrinhos lançados pela editora durante o ano, não sendo consideradas na conta páginas como capa, editorial, expediente, seção de cartas e outras.

§ 4º A distribuição das páginas nacionais em quais e quantas revistas fica de acordo com a conveniência da editora.

Art. 3º As editoras que quiserem se fazer valer dos incentivos fiscais previstos em lei deverão, além de atingir o percentual mínimo de obras brasileiras em quadrinhos entre seus títulos do gênero, obrigar-se a lançá-los comercialmente na forma impressa.

Art. 4º Em se tratando de veículos impressos de circulação diária, semanal ou mensal, deverá ser observada a mesma relação percentual de tira nacional em comparação com as tiras estrangeiras publicadas.

Art. 5º O Poder Público, por meio dos órgãos competentes (MinC e Funarte), implementará medidas de apoio e incentivo à produção de histórias em quadrinhos nacionais, através do Edital Nacional de Incentivo à Publicação de Quadrinhos Brasileiros, que selecionará e financiará projetos específicos da área.

§ 1º O Edital Nacional de Incentivo à Publicação de Quadrinhos Brasileiros deverá ser redigido e implementado, em seus pormenores, pelos órgãos competentes, e implementado anualmente, um ano após essa lei entrar em vigor.

Art. 6º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.



Como relatei no número anterior, no final de 1981, fiz uma série de cartuns representando situações acontecidas com cada colega formando no curso de Engenharia de Itajubá. Não consegui fazer os cartuns de todos os colegas, em parte por falta de tempo e em parte porque alguns se recusaram a entregar uma foto. Dos que fiz, quase todos foram entregues aos respectivos retratados, apenas dois ficaram comigo, o publicado no número anterior e este acima. Dos que foram entregues, praticamente não guardei cópia de nenhum devido à baixa qualidade do xerox da época.

Poeta Vital



ACABOU A
PALHAÇADA!



AH!... EU RESOLVI O
PROBLEMA DO MANA®!



A PARTIR DAS SEMENTES
QUE VOCÊ TROUXE, EU FUI
ANALISANDO CADA ETAPA DO
DESENVOLVIMENTO DA PLANTA.



NÃO SÓ QUEBREI A TRAVA,
TORNANDO A SEMENTE
NOVAMENTE FÉRTIL, COMO
DESCOBI DO QUE SE TRATA
AQUELE GRÂNULO...



PARABENS! UM ÓTIMO
TRABALHO! MAS APOSTO
QUE O MOTIVO DE TANTA
FELICIDADE NÃO FOI TER
FEITO A SEMENTE SER DE
NOVO UM BEM COMUM!



HE! HE! DE FATO, NÃO!
VOCÊ SABE, A PLANTA DO
MANA® PRODUZ ESTE GRÂNULO
QUE NINGUÉM SABE DIREITO
O QUE É...



NÃO É A SEMENTE, NEM O
FRUTO, PODERIA SER ALGUMA
MODIFICAÇÃO DO CAULE OU
DA RAIZ, OU, MAIS PROVÁVEL,
UMA SEIVA SECRETADA PELO
CAULE NA FORMA GRANULAR.



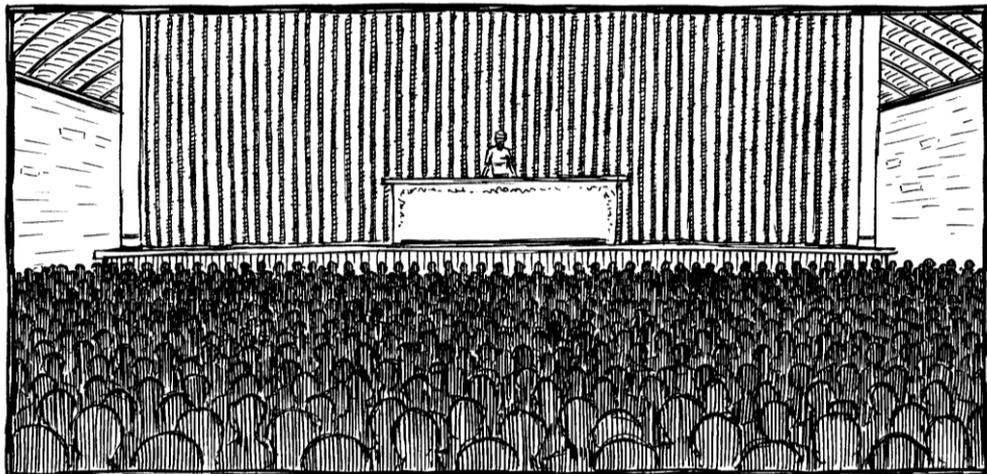
MAS MEUS ESTUDOS MOSTRARAM
QUE ESTE GRÂNULO É COMPOSTO
DE TUDO QUE NÃO É
NECESSÁRIO PARA A PLANTA,
É UMA EXCREÇÃO!...



O MANA®, O ALIMENTO
PERFEITO PARA O SER
HUMANO, NA VERDADE, É
O COCÔ DA PLANTA!!







COMO ERA ESPERADO, AS AÇÕES DA EMPRESA CAÍRAM, NÃO ESTÃO VALENDO QUASE NADA. PARA MUITOS, ESTÁ TUDO ACABADO.



ESSES ACIONISTAS QUE LOGO SE LIVRARAM DE SUAS AÇÕES ACHARAM QUE A EMPRESA SÓ ERA RENTÁVEL FAZENDO NEGÓCIOS ESCUSOS.



MAS NÓS TEMOS UM PARQUE INDUSTRIAL PRODUTIVO E GENTE COMPETENTE PARA FAZER A EMPRESA FUNCIONAR E CRESCER HONESTAMENTE.



PARA TODOS VOCÊS QUE ACREDITAREM EM VOCÊS MESMOS E NO FUTURO DA EMPRESA, EU TENHO UMA PROPOSTA...



EU PEÇO A TODOS QUE NÃO FOREM MAIS ACIONISTAS DA EMPRESA, QUE SE RETIREM...



REPITO, A REUNIÃO É EXCLUSIVA PARA ACIONISTAS, QUEM JÁ VENDEU SUAS AÇÕES, SAIA DO RECINTO!





cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



Wozu müssen auch die beiden
Löcher in die Säcke schneiden?



«Hier damit!» Und in den Trichter
Schüttelt er die Bösewichter. —



Hier kann man sie noch erblicken
Fein geschrotet und in Stücken.



Doch sogleich verzehret sie

MAX UND MORITZ – Wilhelm Busch criou centenas de páginas de histórias em quadrinhos entre 1859 e 1870, quando passou a se dedicar a outras artes. Essas HQs seguiam o costume da época de colocar versos humorísticos embaixo dos desenhos e ter conteúdo moralista. Os trabalhos de Busch foram exaustivamente compilados em livros, o que ocorre até hoje, e influenciaram gerações de autores, destacando-se os que se iniciavam nos suplementos coloridos da nascente imprensa de massa norte-americana. Por algum motivo, entre os trabalhos de Busch, uma sequência de 22 páginas com sete aventuras estreladas pelos moleques Max e Moritz, publicada em 1865, se sobressaiu sobre todas as demais. Talvez pelo sucesso alcançado pelos sucedâneos Hans e Fritz Katzenjammer, clara e descaradamente chupados daqueles. Mas Busch criou um sem número de outros garotos infernais, entre outros bichos infernais, quase sempre destinados ao inferno. No Brasil, com os nomes de Juca e Chico, foram publicados desde o começo do século XX, com traduções de gente do quilate de Olavo Bilac e Guilherme de Almeida. Na década de 1970, a editora Melhoramentos publicou uma coleção de 8 livros com trabalhos de Busch, relançados pela Itatiaia na década de 1980.

cotidiano alterado



edgard guimarães – setembro de 2012

outros cotidianos alterados



NIBSY THE NEWSBOY – Antes de seu sucesso definitivo com ‘Bringing Up Father’, lançada em 1913 e conhecida no Brasil como ‘Pafúncio e Marocas’, George McManus já tinha criado uma série popular, ‘The Newlyweds’. Lançada em 1904, foi publicada até 1912 no jornal de Pulitzer, mudando para o de Hearst com o novo nome ‘Their Only Child’, durando até 1918. Como era de praxe na picuinha entre os dois magnatas da imprensa, Pulitzer continuou publicando a série com o nome original e desenhada por outro artista, sempre com a anuência de alguma decisão judicial. Mas pouco depois de começar a produção dos ‘recém-casados’, McManus criou uma nova série, ‘Nipsy the Newsboy’, publicada por pouco mais de 1 ano, de abril de 1905 a julho de 1906. O jornalista era sempre convocado para resolver algum problema no Reino das Fadas, solução que invariavelmente acarretava problemas maiores, obrigando-o a voltar célere para a segurança das ruas de Nova York. Algumas vezes trazendo consigo a solução. Sempre fica a dúvida se tudo não era a imaginação do rapaz, sonhando acordado, ainda mais com os sonhadores de Winsor McCay populando os jornais. O ‘Little Nemo in Slumberland’, no entanto, é posterior, foi lançado em outubro de 1905, mas obrigou McManus a fazer acréscimo em seu título: ‘Nipsy the Newsboy in Funny Fairyland’. Mas o bem-intencionado jornalista não devia nada ao pequeno Nemo.